MARK BELILES

PEGANDO AS SERPENTES DAS NAÇÕES



PRÁTICAS BÍBLICAS PARA VENCER A INJUSTIÇA E A TIRANIA

RICA EDITORA

SÉRIE: A ESTRATÉGIA DE CRISTO PARA DISCIPULAR AS NAÇÕES | LIVRO 3

Contents

1. Cover
2. Title
3. Copyright
4. Livo 3 Ebook

Direitos Autorais

© [2023] [Editora Rica]. Todos os direitos reservados.

Este eBook é protegido por direitos autorais. Nenhuma parte deste eBook pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outra forma, sem a permissão prévia por escrito do autor ou detentor dos direitos, exceto nos casos de uso permitido pelas leis de direitos autorais.

Para obter permissões ou informações adicionais, entre em contato com:

Av. Bandeirantes, 3.170 – Jardim Eulália
Taubaté/SP – Brasil – 12.080-700
editora@rica.org.br



MARK BELILES

PEGANDO AS SERPENTES DAS NAÇÕES

PRÁTICAS BÍBLICAS PARA VENCER A INJUSTIÇA E A TIRANIA

Livro 3

Série: A Estratégia de Cristo para Discipular as Nações

Copyright © 2024 por Mark Beliles
1ª edição em português © Editora RICA – abril de 2024
Todos os direitos em português reservados.

Direção Geral: Welly Sierra
Coordenação Editorial: Eduardo Rocha
Supervisão Editorial: Suzanna Dias
Produção Editorial: Patrícia Almeida
Editoração: Manuel Rodrigo Tapia Poblete
Distribuição: Good Jump
Tradução: Dina Santana
Revisão: André Chagas
Diagramação: Rodrigo Pimenta
Capa: Cristian Guzman

As citações bíblicas deste livro foram retiradas de: Nova Versão Transformadora (NVT). Outras versões usadas: Tradução na Linguagem de Hoje 2000 (NTLH), Nova Versão Internacional (NVI), Almeida Revista e Corrigida 2009 (ARC 2009)

Nenhuma parte deste livro pode ser usada, reproduzida ou armazenada em qualquer forma ou meio, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. sem autorização por escrito da Editora RICA.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Beliles, Mark
Pegando as serpentes das nações [livro eletrônico : práticas bíblicas para vencer a injustiça e a tirania / Mark Beliles ; tradução Dina Santana. -- 1. ed. -- Taubaté, SP : Good Jump, 2024. -- (Série a estratégia de Cristo para discipular as nações ; 3)
ePub

Título original: Christ's strategy to disciple nations.
ISBN 978-65-85381-55-0

1. Bíblia - Ensinamentos 2. Cristianismo - Evangelismo 3. Liderança cristã 4. Vida cristã I. Título. II. Série.

24-204841 CDD-248.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Vida Cristã : Cristianismo 248.4

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Publicado no Brasil pela: Editora RICA

Av. Bandeirantes, 3.170 – Jardim Eulália

Taubaté/SP – Brasil – 12.080-700

www.loja.editorarica.com.br

editora@rica.org.br

+55 12 3411-1877

Recomendações de Líderes Cristãos Globais

O Dr. Mark Beliles atende ativamente Presidentes, PrimeirosMinistros e outros políticos de muitos países, fornecendo mentoreamento, consultoria e realizando seminários etc. Tendo visto o Pastor Beliles ensinar em minha própria igreja (Igreja Comunidade Hallelujah, Coreia) e tendo cooperado com ele para a "Transform Korea Connections", eu endosso fortemente suas perspectivas bíblicas e transformacionais aos colegas ministros e líderes culturais evangélicos de todo o mundo.

Rev. Dr. Sang-Bok David Kim

Presidente da Aliança Evangélica Mundial

Dr. Mark Beliles traz muitos anos de experiência, eficácia, integridade e clareza ao desafio da mudança cultural criativa baseada nos preceitos fundamentais de que a cultura importa e as ideias têm consequências.

Luis Busch

Conexões Transforme Mundo

Mark Beliles tem profundo conhecimento e valores do patrimônio socioeconômico e cultural das nações. Ele traz a perspectiva bíblica de como Deus moldou as nações para seu propósito e glória. Em suas mensagens, ele estimula o público a refletir sobre a dimensão espiritual ao enfrentar o desafio da transformação de nossa sociedade. Seu amplo conhecimento das raízes históricas e culturais no desenvolvimento das nações nos ajuda a desempenhar nosso papel na transformação de nossa sociedade. Eu, de todo coração, o recomendo a você.

Rev. Canon Dr. James Wong

Igreja Anglicana, Cingapura

Seus livros e treinamento são um excelente recurso para nós. Creio que o Senhor o preparou ao longo dos anos para ajudar a nossa nova Democrática África do Sul.

Kenneth Meshoe

Membro do Parlamento, África do Sul

Ouvi o ensino de Mark Beliles e acho sua mensagem vital para a igreja, se ela for levar a sério sua incumbência de discipular as nações.

Darrow Miller

Cofundador da Aliança Discipule as Nações

Em um tempo que a ação social envolvendo os cristãos é um assunto questionado e distorcido quase que diariamente na mídia, louvo a deus por mark beliles e seu trabalho de ensinar esta geração a valorizar e seguir os princípios cristãos que podem transformar todas as nações.

D. James Kennedy *(in memoriam)*

Igreja Presbiteriana de Coral Ridge

O Dr. Mark Belliles é um profissional da transformação com um incrível histórico de impacto em líderes de alto-escalão e nações! Seu trabalho acadêmico-teológico e histórico, combinado com sua vasta experiência no campo, permite-lhe escrever sobre esse assunto como poucos conseguem. Eu fortemente recomendo não apenas esse, mas todos os seus livros!

Joseph Mattera

Coalizão de Líderes Apostólicos dos EUA

A rede global de transformação tem ajudado equipes de liderança a desenvolver planos estratégicos abrangentes que têm produzido resultados notáveis em governos, empresas e escolas. Eu a recomendo fortemente como um dos melhores recursos para pastores e líderes apostólicos que têm uma visão para a reforma das 7 montanhas da cultura.

Dr. C. Peter Wagner *(in memoriam)*

Instituto de Liderança Wagner

Nós fortemente promovemos e compartilhamos os livros e ensinamentos transformadores de Mark Beliles em nossas conferências para que cristãos possam obter conhecimento de sua herança cristã e experimentar seu efeito transformador em suas vidas e nação.

Joyce e Dave Meyer

Ministério Joyce Meyer

Sumário

Prefácio 9

Introdução 12

COMO NAÇÕES E CIDADES DISCIPULADAS PEGAM SUAS SERPENTES

Capítulo 1 | MANTENHA-O PEQUENO

Limitando o governo através de constituições, etc 21

Capítulo 2 | MINISTRO DE DEUS

Bom governo através de votação, campanha, aconselhamento
..... 56

Capítulo 3 | RESISTÊNCIA JUSTA

Opondo-se ao mal através de protesto, fuga e autodefesa
..... 83

Resumo | Plano de Ação Estratégico 109

Apêndice | Uma Autoavaliação para Líderes..... 141

Rede de Transformação Global 145

Biografia de Mark Beliles 148

Prefácio

Pode ser surpreendente para alguns, mas não há exemplos na história em que um grande número de cristãos, megaigrejas e os chamados "avivamentos" tenham transformado completamente uma nação. Um estudo exaustivo de países ao redor do mundo durante dois milênios de cristianismo confirma que somente quando esse crescimento inclui uma estratégia intencional para treinar e colocar equipes de líderes em rede nas instituições mais influentes da cultura, é que o cristianismo traz mudanças significativas nas nações. Com a base contínua de

oração e evangelismo, Deus sempre usou alguns líderes estrategicamente posicionados para mudar o curso das nações.

James Davidson Hunter, professor de sociologia na Universidade da Virgínia, nos Estados Unidos, confirmou em seu livro “To Change the World” (Para Mudar O Mundo) que os cristãos devem ter uma estratégia para discipular a nação a fim de que ocorra uma transformação significativa. Meu próprio estudo da história da igreja, somado a viagens para mais de 50 nações, tem comprovado a realidade das observações do Dr. Hunter. Historicamente, as melhores práticas fundamentais que transformaram significativamente a cultura são tarefas que são ignoradas e/ou não enfatizadas pela igreja moderna.

Quais são os elementos essenciais necessários para discipular uma nação? Além da igreja, existem seis principais áreas de influência cultural: família, educação, artes e mídia, medicina, negócios e governo. Escritores e pensadores anteriores, como o holandês Abraham Kuyper, falaram sobre essas áreas como “domínios” ou “esferas” de autoridade e jurisdição. Francis Schaeffer, Loren Cunningham, Bill Bright e outros usaram termos e listas semelhantes. Outros escritores e palestrantes como C. Peter Wagner, Lance Walnau e Johnny Enlow, as chamaram de as sete “montanhas” da cultura. Na década de 1980, meu colega Stephen McDowell e eu começamos a ensinar sobre essas áreas culturais importantes e publicamos a *História Providencial da América e Liberando as*

Nações para descrever o processo histórico de cristãos influenciando essas sete áreas em todo o mundo.

Alguns fazem listas separando as artes da mídia e colocando cada uma como sendo uma área principal, enquanto outros listam a ciência e a tecnologia separadamente (ou as tornam parte da área de negócios). A educação é às vezes associada à família. A agricultura também é adicionada algumas vezes. Os pobres, desfavorecidos e marginalizados estão incluídos em algumas listas, enquanto a igreja é omitida. Deve-se notar, porém, que os desfavorecidos, assim como as crianças, não são uma instituição da sociedade, mas sim um foco econômico ou demográfico. Embora importantes, eles não se encaixam adequadamente em uma lista de áreas ou instituições que influenciam ou transformam a cultura diretamente. Embora não haja uma lista única "inspirada", as sete abordadas neste livro são aceitas pela maioria dos líderes.

Vários movimentos emergentes em muitos países começaram a adotar e aplicar essas estratégias históricas. Um desses movimentos, facilitado por Luis Bush, é chamado de "Transform World" (Transforme Mundo); outro é "Discipling Nations Alliance" (Aliança de Discipulado das Nações), com Darrow Miller e Bob Moffit. A Coalizão de Líderes Apostólicos dos EUA, com Joseph Mattera como seu líder, e Advocates International (Defensores/Advogados Internacionais), fundada pelo falecido Sam Ericsson, estão aplicando esses conceitos com

sucesso. Dennis Peacocke atende o Projeto Estadistas (Statesmen Project) e seus Conselhos Municipais de Ação (City Action Councils) em várias nações, mas especialmente nos Estados Unidos. A Rede de Transformação Global, na qual tenho o privilégio de servir, e sua filial americana conhecida como "America Transformation Company" estão trabalhando de maneira semelhante.

Que este livro ajude a Igreja na renovação dos reinos deste mundo para "os reinos do nosso Senhor e do seu Cristo" (Ap 11:15).

Introdução

Muitos livros explicam a importância da oração, do evangelismo e da implantação de igrejas. Mas para trazer uma reforma a uma nação e uma transformação completa, o coração do povo deve ser transformado primeiro. O arrependimento pessoal e a conversão são o ponto de partida para a mudança operada por Deus.

No entanto, depois que Ele transforma o coração dos homens, o que vem a seguir? Quando os homens são transformados, então suas famílias, negócios, escolas, igrejas, vizinhanças, cidades, vilarejos, estados e nações deveriam ser capazes de ver os efeitos dessa mudança.

Isso, porém, não ocorre nos dias de hoje. Basta nos lembrarmos daquele que ficou conhecido como o avivamento de Lakeland, na Flórida, EUA, há anos, para observarmos uma cultura que

permaneceu inalterada, apesar de muitos terem se convertido a Cristo.

O verdadeiro avivamento e despertar espiritual terão impacto sobre todas as áreas da cultura e suas insti

tuições. Em 2 Coríntios 3:17, está escrito que “onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade”. Isso é verdade tanto para os indivíduos quanto para as nações.

À medida que o Evangelho entra no coração do homem, ele vai sendo mudado; não se torna perfeito, mas agora há uma nova fonte de autoridade que governa sua vida, orientando suas decisões e valores para o futuro. Da mesma forma, à medida que o evangelho penetra nas nações, o potencial para a mudança surge. No entanto, para que isso realmente ocorra, uma estratégia precisa ser implementada. Portanto, devemos começar com as Escrituras e examinar os exemplos impressionantes das melhores práticas que foram aplicadas na história e que efetivamente transformaram a cultura.

A Missão da Igreja

Vale a pena, primeiramente, resumir as principais funções de uma igreja:

- Reunir o povo de Deus para a adoração, a ceia do Senhor, o batismo, a oração e a proclamação da Verdade (Atos 2:42; 1 Coríntios 11: 23-26; 14:26; 1 Timóteo 4: 13-16).

• Instruir o povo de Deus na verdade bíblica para cada esfera da vida, não apenas em assuntos religiosos. Isso envolve a pregação do domingo, aulas regulares e outras oportunidades educacionais (2 Tm

3: 16-17). Escolas avançadas e faculdades também são fundamentais para continuar o treinamento necessário para transformar a cultura.

• Equipar e mobilizar o povo de Deus para o serviço, não apenas na igreja, mas em todas as outras seis "montanhas" da cultura nas quais os crentes vivem seus chamados (Efésios 4: 11-12,16; Tito 3: 8,14). A igreja também deve fornecer coordenação e apoio para indivíduos e famílias em sua missão.

Na Grande Comissão, encontrada no final dos Evangelhos, Jesus define claramente o propósito do evangelismo e da igreja: "ide... e fazei discípulos de todas as nações" (Mateus 28:19). Temos evidências históricas de como a igreja primitiva transformou uma Europa pagã em uma cultura cristã; e de como eles entenderam sua missão. Eles não começaram construindo edifícios para adorar ou templos onde se reunir nos primeiros séculos. Seu foco principal estava em edificar pessoas, para que fossem embaixadoras do Reino de Deus, enviadas para fora da igreja, em direção à cultura, para transformar cada esfera da vida (as 7 montanhas em cada nação).

Frequentemente, nos dias de hoje, o sucesso de

um pastor é medido pelo número de membros (como se as megaigrejas fossem superiores) e pela construção de seu próprio templo. Da mesma forma, o sucesso é avaliado pela quantidade de eventos e atividades (embora a maioria seja de natureza religiosa e poucos considerem ou deem importância à transformação cultural fora da igreja). Mas, no Novo Testamento, esse padrão

moderno para medir o sucesso é totalmente inexistente. Jesus e seus apóstolos teriam sido considerados fracassados segundo esse critério. Nenhum deles construiu um edifício e seus membros eram relativamente poucos em número. O número de discípulos enviados para evangelizar o mundo inteiro era muito menor do que o número de membros de uma única "megaigreja". Hoje, existem muitas megaigrejas em uma nação e a transformação não chega à cultura.

No entanto, quando Jesus deu a missão de ir pregar, batizar e "fazer discípulos de todas as nações", Ele também foi além e deu parâmetros para medir o sucesso dessa sua missão. No relato da Grande Comissão encontrado no livro de Marcos 16, Jesus acrescentou certos "sinais" que deveriam acompanhar aqueles que a cumprem.

> **Marcos 16:17-18|NVI** *"Estes sinais acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum; imporão as mãos sobre*

os doentes, e estes ficarão curados."

Em outras palavras, havia uma maneira de medir seus objetivos desta forma:

- "expulsar demônios";
- "falar novas línguas";
- "pegar em serpentes";
- "Beber veneno mortal sem sofrer nenhum dano";
- "Impor as mãos sobre os doentes, e estes ficarão curados"

A maioria das pessoas lê esses versículos apenas de forma pessoal, mas Cristo claramente faz referência a "todas as nações", indicando que esses sinais devem ser aplicados em uma missão em maior escala. Certamente, ela se torna mais interessante quando a compreendemos a partir dessa perspectiva.

Nesta série "A Estratégia de Cristo para Discipular as Nações", cada um desses "sinais" são examinados de forma mais detalhada:

Livro 1: "Expulsando os Demônios das Nações"

Livro 2: "Falando uma Nova Língua às Nações"

Livro 3: "Pegando as Serpentes das Nações"

Livro 4: "Bebendo o Veneno das Nações"

Livro 5: "Impondo as Mãos sobre as Doenças das Nações"

Esperamos que este livro, assim como os demais da série, contribua para o crescimento da igreja de Cristo, ao trazer clareza e profundidade sobre os cinco “sinais” da Grande Comissão, que necessitam ser vivenciados em todas as esferas da sociedade, a fim de que as nações sejam discipuladas e, assim, transformadas.

Como nações e cidades discipuladas Pegam suas Serpentes

Pegar as serpentes e as coisas mortais de uma nação

Os cristãos podem medir o cumprimento de seu propósito pela maneira como enfrentam a tirania e a injustiça em seu governo. Talvez você não tenha ouvido falar disso antes, mas algumas igrejas cristãs leem esse versículo sobre pegar serpentes e pensam que Deus quer que elas tragam cobras mortais no culto para ver quem tem fé verdadeira. Este não é o significado que Jesus pretendia! Quando Jesus deu as instruções de discipular nações pegando em serpentes, os discípulos provavelmente se lembraram do tempo em que Deus havia enviado anteriormente um de Seu povo para enfrentar a

injustiça em uma nação em Ex 4:1-5:

“Moisés respondeu:

— Mas eis que eles não vão acreditar em mim, nem ouvirão o que vou dizer, pois dirão: “O Senhor não apareceu a você.”

Então o Senhor perguntou a Moisés:

— Que é isso que você tem na mão? Ele respondeu:

— Um bordão.

Então lhe disse:

— Jogue-o no chão. Ele o jogou no chão, e o bordão virou uma serpente. E Moisés fugia dela.

Mas o Senhor disse a Moisés:

— Estenda a mão e pegue-a pela cauda. Ele estendeu a mão, pegou-a pela cauda, e ela se transformou em bordão.

Então o Senhor disse:

— Isto é para que creiam que o Senhor, o Deus de seus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, apareceu a você.”

“Pegar em serpentes” era uma atividade que Jesus disse que deveria ser evidente no ministério dos discípulos em suas próprias nações. Os crentes devem se opor à opressão e injustiça e ser libertadores de pessoas escravas da tirania. Para fazer isso, os cristãos devem se envolver em situações sociais fora de seus círculos religiosos. Na

maioria das nações, a maior concentração de “serpentes” está na política e no governo. É um lugar perigoso para pisar sem a proteção de Deus. Os homens pecaminosos não querem abrir mão do poder, do prestígio e do ganho financeiro que lá possuem. Mas é exatamente isso que Jesus parece estar nos dizendo – se

você entrar em todas as outras áreas da cultura, mas ignorar a política, sua nação nunca será totalmente transformada e libertada!

“Pegar em serpentes” é um critério claro para medir nossa fidelidade à Grande Comissão; um “sinal” de que estamos participando ativamente de nossa missão e não apenas sendo religiosos. Além da expectativa de Cristo de que “pegaríamos em serpentes” ao discipular as nações, Ele afirmou que talvez tenhamos que “beber alguma coisa mortífera”. A boa notícia é que, como acontece em relação às serpentes, a bebida mortal “não os prejudicará.” Cristo não está apenas prometendo proteção contra as serpentes ao confrontarmos líderes do mal nos governos, mas proteção contra o mal a que frequentemente estamos expostos e que deveríamos estar expondo no mundo dos negócios.

Infelizmente, porque muitos cristãos sucumbiram às tentações do poder e do materialismo na política e nos negócios, os líderes da igreja erroneamente exortam os fiéis a ficarem longe dessas esferas de influência. No entanto o mandato de Cristo para nós, como cristãos, de ir

por todo o mundo com a promessa de sua proteção, deveria ter maior importância para nós do que a terrível possibilidade de nos afastarmos da fé.

Quando os cristãos evitam a liderança no governo, é criado um vazio que os pecadores prazerosamente passam a preencher. Infelizmente, esse cenário produz frutos ruins em nossa sociedade que tanto o pecador quanto o santo terão de consumir. O povo de Deus deve estar disposto a arriscar "pegar em serpentes" e "beber coisas mortíferas" para transformar a criação de Deus. Como permanecer inabalável e incontaminado pelo mundo em nosso cumprimento desse mandamento é o foco deste livro.

Capítulo 1

Mantenha-o Pequeno:

Limitando o governo através de constituições, freios e contrapesos

Gn 9:6 *"Se alguém derramar o sangue de uma pessoa, o sangue dele será derramado por outra pessoa"*

Rm 13:4 *"...pois é ministro de Deus, vingador, para castigar quem pratica o mal."*

14 de abril de 1992. Moscou, Federação Russa

O Presidente da Academia Nacional de Ciências me apresentou aos dignitários reunidos pela Academia para ouvir a mim e a vários outros convidados naquele dia. Sentados em torno de uma enorme mesa circular no ornamentado edifício da era soviética em Moscou, os participantes incluíam um assistente do Presidente russo Boris Yeltsin e vários outros líderes. Ele abriu sua introdução dizendo que todos na Rússia entendiam o que não funcionava na construção de uma sociedade próspera, livre e estável. Claramente, o Ocidente aprendeu o que funciona, disse ele. Em seguida, pediu-me para falar sobre os princípios fundamentais do mundo ocidental que estavam enraizados no cristianismo.

Doze anos de estudo bíblico e história do mundo haviam me preparado para esse momento. Menos de quatro meses haviam se passado desde o dia de Natal, quando Mikhail Gorbachev renunciara e a União Soviética de 70 anos fora dissolvida. Boris Yeltsin havia se tornado o novo líder da Rússia, mas ainda restavam muitas facções do antigo império comunista. Mais cedo naquele dia, membros do Parlamento russo e um dos principais líderes da

Igreja Ortodoxa Russa haviam se encontrado comigo. Uma reunião adicional com minha delegação tinha sido convocada na sede da nova Comunidade de Estados Independentes em Minsk, Bielorrússia.

Antes que eu terminasse minha mensagem naquele dia, um mensageiro interrompeu a reunião para informar ao oficial do governo que um estado de emergência havia acabado de ser declarado após uma intervenção no parlamento russo com soldados enchendo a Praça Vermelha. Quando os oficiais do governo deixaram a sala, minha delegação e outros líderes cristãos da Rússia se reuniram e oraram pela situação. Era um lembrete alarmante do mundo frágil e instável em que vivíamos naquele tempo. O que iria acontecer? Não sabíamos, apenas que o Governante das Nações estava no controle. Meu discurso foi impresso no periódico da Academia e uma cópia foi colocada nas mãos do Presidente Yeltsin. Eu tinha feito o que podia, mas será que os líderes estariam prontos para tomar as medidas necessárias? Será que haveria um número suficiente de pessoas com caráter e princípios para apoiar as mudanças bíblicas que trariam bênção para a nação? Hoje, ao olhar para trás, está claro que a Rússia não estava pronta para mudanças dramáticas. O povo russo retornou a um governo totalitário e à opressão econômica.

O contrário disso aconteceu na Indonésia. Fui convidado a falar no escritório do governador

muçulmano de Jacarta para uma audiência religiosa mista. Expliquei um dos principais ensinamentos de Jesus – que o governo deve ser um servo do povo. Expliquei que o Criador de todas as coisas deu princípios e melhores práticas que os cristãos estão aplicando em todo o mundo para o bem da sociedade, e que liberdade e prosperidade chegaram a mais de um terço das nações do mundo devido à introdução e modelagem desses princípios. Aquele governador havia sido eleito recentemente Presidente de seu país, e um homem cristão, que eu havia discipulado extensivamente por vários anos, agora se tornara o novo governador da maior cidade de maioria muçulmana do mundo. Enquanto servia a outros em cargos governamentais, ele modelava um caráter impecável e princípios excepcionais, e por isso ele fora elevado a tal posição. Pessoas de qualquer cultura anseiam por uma liderança que não seja corrupta, mas confiável. Ele estava pronto e, como José no Egito, Deus o havia elevado para o espanto de muitas pessoas que nunca haviam visto isso naquele país.

A NECESSIDADE DE REFORMA CULTURAL

Enquanto o século XX testemunhou a queda do comunismo, este novo milênio viu o surgimento do terrorismo islâmico militante. Nações em todo o mundo clamam por liberdade e buscam maneiras de trazer prosperidade para suas terras. É possível

continuar com mudanças positivas em todo o mundo, mas o potencial de conflitos nacionais e de crises globais paira sobre todos os continentes.

Rm 8:19,21 diz que “A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus... a própria criação será libertada do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.” (NAA). O mundo anseia por libertação. Ele está gemendo sob o “cativeiro da corrupção” – a opressão espiritual manifestada nas áreas natural e cultural da vida. Quase metade da população do mundo vive na pobreza. Quinhentos milhões vivem à beira da fome. Cento e dez países violam direitos humanos básicos, muitos ainda usando tortura. O número de pessoas mortas por seus próprios governos totalitários no século XX supera em quase quatro vezes o número de mortos pela guerra. As dezenas de milhares de mortos por radicais islâmicos militantes encabeçam as atrocidades no século XXI. O número anual de refugiados em todo o mundo é de vinte e oito milhões. O terrorismo internacional, a dívida, o crime, a ameaça de guerra nuclear e os golpes militares crescentes aumentam essas estatísticas sombrias.

A maioria dos problemas listados acima deveria ser responsabilidade daqueles que lideram o governo, mas essas coisas não podem ser resolvidas com sucesso se os líderes ignorarem as diretrizes do Criador para as soluções. Tanto cristãos como não cristãos ao longo da história reconheceram que o cristianismo fornece o

fundamento necessário para as nações livres. A verdade da Bíblia fornece à humanidade princípios de liberdade que trazem liberdade real a indivíduos e nações oprimidos.

No começo, Deus criou a terra e deu ao homem a responsabilidade de governá-la. Gn 1:28 diz: “E Deus os abençoou e lhes disse: – Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra e sujeitem-na.” Deus também deu ao homem Sua lei moral. Quando o homem rejeita a lei de Deus e perde a capacidade de governar não apenas a si mesmo, mas também a sociedade, o resultado é tirania e opressão dominando a história por meio de homens pecadores.

Através do ministério e da morte de Jesus Cristo, no entanto, o poder tanto para governo próprio quanto para o governo civil foi restaurado à humanidade. Embora a liberdade interna fosse o foco principal do ministério de Jesus Cristo na Terra, não se deve ignorar que Seus sermões inaugurais e de despedida enfatizavam a liberdade civil externa. Em Lc 4:18, a primeira mensagem pública de Cristo se concentrou na liberdade “aos pobres... aos cativos... (e) aos oprimidos.” Mt 12:18 declara que Ele “anunciaria justiça às nações”. Além disso, foi o próprio Jesus quem disse aos fariseus em Mt 23:23 que eles também deveriam se concentrar na “justiça” em vez de apenas nas regras religiosas sobre dízimo.

Em seu sermão final, Jesus comissionou seus seguidores a não apenas ganhar almas, mas a

transformar “as nações” (Mt 28:19). O grande comentarista da Bíblia, Matthew Henry, explica que “a principal intenção dessa comissão” é clara: “fazer o possível para levar as nações a se tornarem cristãs”. O apóstolo Paulo entendeu muito bem essa missão e procurou comunicá-la aos cristãos do primeiro século. Em 1Co 6:2,3, Paulo faz uma pergunta vital: “Ou vocês não sabem que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vocês, será que vocês não são competentes para julgar as coisas mínimas? Por acaso vocês não sabem que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida!” Outras traduções usam a palavra “governar”, exatamente o que “julgar” significava para os crentes do primeiro século. Paulo diz que governaremos e reinaremos com Cristo sobre as nações na vida futura e, portanto, deveríamos fazê-lo ainda mais com o governo nessa vida.

A Grécia foi a única nação no Império Romano que foi autorizada a realizar eleições para cargos no governo local. O apóstolo Paulo disse aos cristãos que se envolvessem porque eram competentes para ocupar cargos públicos. Paulo, então, repreendeu os cristãos pela apatia e irresponsabilidade que resultavam em os não cristãos assumirem o controle: “Portanto, quando precisam julgar negócios terrenos, por que vocês constituem como juízes aqueles que não têm nenhuma aceitação na igreja? Digo isso para a vergonha de vocês...” (vs. 4-5).

Esta situação vergonhosa é uma realidade crônica nas nações hoje. A batalha pela terra de Deus (Sl 24:1) está sendo perdida porque os cristãos acreditam erroneamente que Deus não se importa com essas coisas. Eles falham em reconhecer que Cristo ensinou a igreja a concentrar suas orações, não no Céu, mas em Seu reino vindo "na Terra como no Céu" (Mt 6:9,10). Os resultados de tal ignorância e negligência têm custado caro para as nações e continuarão sendo assim, sem mudanças significativas acontecendo.

Deus cria governo para nossa proteção

No começo, o governo humano não era necessário porque a humanidade era autogovernada pela lei de Deus. Quando Caim matou seu irmão (Gn 4), a violência começou a se espalhar sem controle, então Deus estabeleceu outro mandamento para lidar com assassinos – o sangue destes deve ser derramado. Ele disse em Gn 9:6 "Se alguém derramar o sangue de uma pessoa, o sangue dele será derramado por outra pessoa", significando que eles devem ser mortos assim como Deus havia tratado com os criminosos através do dilúvio. Essa responsabilidade de matar os assassinos, a partir dos dias de Noé, foi o fundamento da instituição do governo civil. A responsabilidade de punir o crime em um mundo pecaminoso caído foi dada ao homem por um Deus amoroso para a proteção

da vida humana inocente.

Embora as palavras “governo” ou “política” não se encontrem nesses primeiros capítulos de Gênesis, essa instituição estava sendo criada pelo próprio projeto de Deus. Ainda que um indivíduo possa nunca estar diretamente envolvido na elaboração ou manutenção da lei e da justiça, cada pessoa nasce com certos direitos e responsabilidades de um cidadão. Nas nações democráticas livres, eleger bons líderes do governo para punir criminosos e proteger os inocentes é dever de todos os cidadãos. Este mandamento de punir criminosos foi dado a todos os seres humanos na Terra, não apenas aos cristãos ou pessoas de fé. Essas são responsabilidades e melhores práticas essenciais que devem ser corretamente modeladas pelos cristãos para que o mundo funcione como o Criador o projetou. Certamente, em um mundo caído e pecaminoso, é impossível esperar a perfeição, mas o governo pode trabalhar para o maior bem possível.

Começando com Noé como o primeiro funcionário do governo na história mundial, o objetivo e as responsabilidades do estado eram proteger os justos, ou seja, cidadãos cumpridores da lei. Os escritores do Novo Testamento afirmaram esse propósito contínuo para os governadores civis os quais são “...ministro de Deus, vingador, para castigar quem pratica o mal...” e para louvar aqueles que fazem o bem (Rm 13:3-4, 1Pe 2:13-14). Isso inclui a proteção à vida, liberdade e

propriedade contra os infratores da lei nacionais e estrangeiros e a garantia dos direitos inalienáveis da vida, liberdade e propriedade dados por Deus. Quando Deus disse a Noé para matar os assassinos, foi feita uma distinção entre a vida humana que é culpada e a que é inocente. Mais tarde, nas leis dadas a Israel sob Moisés, Deus acrescentou mais detalhes. Em Ex 20:13, diz: “Não mate”, mas se alguém o fizer, será morto.

Para proteger os cidadãos, os governos coordenam a polícia civil para manter a ordem e o exército para a defesa, os quais, quando necessário, matam as pessoas no processo de cumprimento de suas obrigações. Isso acontece para proteger os inocentes. O governo deve punir o malfeitor, ou seja, o criminoso (Ex. 20:13; 21:12; 22:2). Para isso, uma nação cria uma constituição clara e escrita com leis justas, penalidades, juízes imparciais e julgamentos justos que garantam justiça aos indivíduos.

O termo “democracia” tem significados diferentes para pessoas diferentes. Muitas pessoas veem os conceitos de liberdade e democracia como sinônimos. Mas, na realidade, liberdade é o que a democracia existe para proteger. A proteção dos direitos e liberdades individuais é o objetivo, enquanto as instituições democráticas são os meios.

Certos direitos devem ser reconhecidos por todas as pessoas como inalienáveis, isto é, nunca podem ser negados a ninguém sem injustiça. Os grandes

teólogos cristãos, filósofos e juristas de vários países e culturas dos últimos dois mil anos disseram que os direitos dados por Deus (e, portanto, inalienáveis) incluem liberdade de religião, de expressão, de reunião e associação, de imprensa, de propriedade privada, de petição, de escolha na educação e de autodefesa. Os direitos à vida e à liberdade são a base de tudo isso. Todos os seres humanos responsáveis devem reconhecer que matar, roubar ou oprimir outra pessoa está errado, seja por um indivíduo ou por um governo.

Algumas pessoas acreditam que liberdade significa que cada indivíduo na sociedade pode fazer o que quiser consigo mesmo e com os ganhos de seu trabalho. Outros acreditam que algumas pessoas podem fazer o que bem entenderem com o trabalho de outra pessoa. Esses dois pensamentos não podem coexistir. Quando Deus disse à nação de Israel: “Não furtarás” (Ex 20:15), ele estava identificando o direito fundamental à propriedade privada que todo ser humano tem e que, portanto, o governo deve proteger. É roubo tanto se um indivíduo tenta tomar a propriedade de outra pessoa quanto se um governo o faz sem o consentimento dela.

A verdadeira liberdade não é uma licença desenfreada. As chamadas visões “libertárias”, que tentam governar evitando leis morais mais elevadas, não fornecem ordem e liberdade à sociedade. O governo deve fornecer um sistema de justiça para lidar com as queixas entre as pessoas,

mas tende a não se restringir de violar direitos se não reconhecer uma lei superior.

Democracia significa literalmente governo pelo povo. A história mundial mostra que quando o povo governa sua nação por meio de governança democrática, seus direitos são mais seguros do que quando governados por um homem ou alguns homens. O poder centralizado nas mãos de poucos pode ser corrompido com muita facilidade. No entanto também é verdade que o poder nas mãos de muitas pessoas também pode ser corrompido. A democracia pura, como foi tentada pela Grécia na história antiga e pela França há mais de 200 anos, mostrou-se não apenas impraticável, mas também perigosa. Quando as pessoas governam diretamente, tendem a favorecer a vontade da maioria às custas dos direitos individuais das minorias. A tirania, portanto, também pode ser encontrada na democracia pura. Ela rapidamente se transforma em "domínio das massas" e perdura apenas até que as minorias ameaçadas finalmente se unam contra a maioria para se protegerem. O resultado é o caos e a anarquia, como visto no "reinado do terror" na França (1793-1794) após sua revolução. Nesse caso, a ordem geralmente é restaurada apenas por um governo totalitário, como ocorreu na França com Napoleão Bonaparte. Esse ciclo foi repetido várias vezes nas tentativas gregas e romanas de democracia.

A democracia pura, portanto, deve ser evitada. Como? Implementando os conceitos de

representação e lei fixa superior, que estão associados ao termo “república”. Uma forma bíblica de governo pode ser melhor denominada república democrática representativa ou democracia constitucional. Vejamos as sete estruturas governamentais básicas reveladas ou implícitas na Bíblia, as quais são necessárias para proteger e garantir os direitos e liberdades individuais. Estas compreendem a estrutura essencial de um governo piedoso.

O arcabouço de uma república constitucional

Descentralização do Governo – Federalismo

A tendência pagã (isto é, humana pecaminosa) é sempre centralizar o poder. Isso começou com a construção da torre de Babel em Gn 11, a qual Deus condenou. Como o poder que reside no povo é uma premissa básica do governo democrático, o governo deve ser mantido o mais próximo possível do povo. Isso pode ser alcançado mediante o estabelecimento de um governo nacional enxuto e governos locais e regionais fortes, como haviam feito na República Hebraica. Esta tinha um sistema descentralizado baseado em famílias. Os governos locais das cidades e tribais (regionais) eram independentes do governo nacional e eram conhecidos como os anciãos das cidades que se encontravam nos portões (Ex 24:1; Nm 11:16, 17).

Esse modelo descentralizado em Israel foi abandonado cerca de 400 anos depois, quando em 1Sm 8:5-7 diz que o povo pediu “um rei, para que nos governe, como acontece em todas as nações.” Deus disse que, ao fazer isso, estavam rejeitando Seu plano e adotando a maneira mundana de governar, isto é, a centralização.

Em um mundo pecaminoso caído, uma divisão de poderes protege contra a tirania da centralização, pois permite que o povo participe mais plenamente do governo e, ao mesmo tempo, vigie o fluxo de poder através de seus funcionários governamentais. (Por exemplo, em 1Rs 12:1-16, dá a entender que se Roboão tivesse ouvido o povo e seus conselheiros, a nação de Israel poderia não ter sido dividida.)

A história mostrou que a centralização do poder governamental destrói a liberdade e os direitos do homem. A maneira de ter um governo bom e seguro é dividir o poder entre as pessoas e as localidades, em vez de confiá-lo a um órgão. O governo civil de um país deve ser subdividido em vários níveis (local, regional, nacional) com a maioria do poder repousando no nível local. O poder de cada nível deve ser claramente definido e soberano em suas áreas definidas. Nenhum nível de governo deve ser capaz de usurpar a jurisdição do outro.

Os poderes limitados do governo nacional devem ser claramente definidos em uma constituição e limitados àqueles que afetam o país

como um todo, como defesa, política externa, regulamentação do comércio inter-regional e externo, leis de cidadania, cunhagem de dinheiro e direitos autorais. Todos os outros poderes devem permanecer com o povo ou com os governos locais e regionais. Os poderes do governo local e regional podem ser escritos em uma constituição regional e incluir itens como regulamentos de trânsito, regulamentos comerciais, obras públicas, procedimentos de votação, lei e ordem.

Jesus Cristo ensinou o princípio de governo limitado e soberania da esfera em Mt 22:36-40, onde ele disse: “Portanto, dai a César o que é de César (isto é, o governo) e a Deus o que é de Deus!” (Mt 22:17-21). A imagem de César na moeda representava sua jurisdição legítima sobre questões tributárias, mas da mesma maneira, a imagem de Deus representaria uma área da vida que somente Deus tinha jurisdição. Da mesma forma, o governo só tem autoridade dentro de uma área definida, e as outras instituições, como a igreja e a família, têm autoridade em suas áreas definidas. A aplicação prática da resposta de Jesus foi revolucionária na época e contrária à ideia comum de um governo que reivindicava jurisdição sobre todas as esferas da vida.

Constitucionalismo

O conceito de constitucionalismo começou com a República Hebraica quando Moisés apresentou o Livro da Aliança ao povo no Monte Sinai. Ele

continha o Decálogo (ou seja, Dez Mandamentos) e um corpo de leis complementares. Ao contrário da percepção de que se tratava de uma imposição arbitrária de cima para baixo, na realidade, embora as leis tenham sido escritas por Deus, elas foram lidas e submetidas ao povo para adoção. Ex 19:7 diz que Moisés desceu do Sinai com as leis de Deus para a nação e que ele "chamou os anciãos do povo e expôs diante deles todas estas palavras que o Senhor lhe havia ordenado." Em outras palavras, ele lhes submeteu as leis para sua avaliação e adoção.

A boa notícia foi que, no versículo 8, "o povo respondeu a uma só voz:

— Tudo o que o Senhor falou (sobre a lei da nação) faremos". Então Moisés declarou ao SENHOR as palavras da resposta do povo." Não sabemos quanto tempo esse processo deliberativo levou, mas é claro que os anciãos levaram a lei para suas tribos, receberam uma conclusão dos cidadãos e trouxeram essas notícias a Moisés. É importante notar que o onisciente Deus de Israel realmente não precisava que Moisés lhe dissesse o que o povo havia decidido, mas o texto está lá para nos ajudar a entender um ponto importante — nenhum governo é justo se não se basear no consentimento dos governados.

O consentimento de Israel não foi emocional nem imediato. Foi um processo demorado e informado. Isso é evidente pelo fato de que o primeiro consentimento mencionado pelo povo ao

dizer “nós iremos” não foi suficiente para Deus implementar o novo sistema. Foram necessárias mais duas leituras da lei e deliberação pelo povo, juntamente com seu voto afirmativo, antes que se tornasse obrigatório para eles. Isso é explicado em Ex 24:3-7: “E Então todo o povo respondeu a uma voz e disse:

— Tudo o que o Senhor falou (isto é, o pacto nacional) nós faremos...

Depois pegou o livro da aliança e o leu para o povo. E eles disseram:

— Tudo o que o Senhor falou nós faremos e obedeceremos.”

Somente após o segundo consentimento do povo é que foi registrado em uma forma escrita permanente, chamada de “O Livro da Aliança”. Finalmente, o povo de toda a nação foi reunido para ouvi-la ser lida pela terceira vez pelo próprio Moisés. Com esse consentimento final, tornou-se sua constituição vinculante.

Mais tarde, os reis de Israel fizeram um pacto com o povo pelo qual cada rei prometia governar de acordo com o Livro da Lei, que era sua constituição (1Cr 11:3; Dt 17:14-20). Para Davi, não importava que ele já tivesse sido ungido por um profeta do Senhor; ele também teve que fazer um pacto com os representantes do povo. Este conceito bíblico do consentimento do povo, que vemos modelado na nação de Israel, é expresso na Declaração de Independência dos Estados Unidos,

que diz que “poderes justos derivam do consentimento dos governados”.

É necessário um acordo constitucional para manter limites claros aos poderes do governo. Federalismo vem da palavra latina “Foedus”, que significa aliança. Um pacto ou contrato escrito, que é a essência de uma constituição, permite que o povo responsabilize o governo nacional se ele exceder sua autoridade. No caso de usurpação de poder, os governos local e regional podem se unir para resistir. Em uma forma republicana descentralizada de governo, a constituição, em vez de um partido governante nacional, é suprema e só pode ser alterada pelo consentimento do povo.

Um governo de liberdade é um governo de leis, não de governantes ou de uma maioria simples. Numa democracia pura, uma maioria simples (pouco mais de 50%) detém o poder, o que pode comprometer os direitos da minoria. Por esse motivo, uma democracia constitucional torna a lei suprema e, assim, protege os direitos de todas as pessoas.

Ao longo da história, os cidadãos não tinham voz e eram governados por leis impostas por seus governantes. Em uma democracia constitucional, o povo forma sua própria constituição e consente com ela. Tanto o povo quanto os governantes estão sujeitos à lei – ninguém está acima dela. Assim, eles estabelecem um governo de lei do povo e não de lei dos governantes. Isso é essencial para proteger os direitos individuais à vida, liberdade e

propriedade. Os cidadãos devem não apenas ser protegidos de atos prejudiciais perpetrados por outros cidadãos, mas também de abusos cometidos por seu próprio governo. Uma democracia constitucional garante que a lei seja suprema, não os governantes, para que o povo seja protegido da tirania. Ao definir e limitar o poder do governo, uma constituição atua como uma corrente para impedir que os governantes usem mal o poder.

As leis de uma constituição formada pelo povo não devem negar os direitos de ninguém e devem se aplicar a todas as pessoas de forma igualitária, independentemente de posição política, religião, raça, riqueza, status social ou credo. Em uma democracia constitucional, todos são iguais perante a lei em relação à proteção de sua vida, liberdade e aquisição de propriedade.

Uma forma semelhante de governo no mundo ocidental é um sistema parlamentar de governo. No entanto, neste caso, a fonte suprema da lei é o Parlamento, e não uma constituição fixa escrita pelo povo. As formas de governo parlamentar tendem a favorecer os grupos que obtêm a coalizão majoritária e têm o potencial de oprimir os direitos de minorias e indivíduos a critério da maioria no parlamento. Essa forma de governo, em última análise, coloca em risco os direitos desses grupos ou indivíduos que estão fora do favor da maioria governante no poder.

Separação de poderes

Uma dificuldade significativa na formação de qualquer governo é primeiro permitir que o governo controle os governados ao mesmo tempo em que garante que ele próprio seja controlado. Os homens têm uma tendência inata de abusar do poder, especialmente se recebem muito. Alguém já disse que todo poder tende a corromper; o poder absoluto corrompe absolutamente. Portanto, o poder deve ser limitado em nossos governantes civis.

Vimos que uma maneira de alcançar isso é prescrevendo poderes específicos em uma constituição. Outra é separar os poderes governamentais em diferentes ramos com funcionários diferentes supervisionando cada ramo. Na República Hebraica, havia o reconhecimento de três funções de governo. Em Is 33:22, está escrito “Porque o Senhor é o nosso juiz, o Senhor é o nosso legislador, o Senhor é o nosso Rei”. Deus sendo perfeito e infinitamente sábio é capaz de exercer todas essas funções com retidão, mas homens finitos e pecaminosos não conseguem. Cada governo (seja monarquia, oligarquia, democracia etc.) exerce essas três funções principais: legislativo – elaboração de leis; executivo – aplicação e execução das leis; e judiciário – interpretação das leis. Ao criar uma divisão de funções e pessoal entre os ramos legislativo, executivo e judiciário do governo,

ninguém pode ter poder em dois ramos ao mesmo tempo. Isso serve como um controle interno do abuso do poder governamental e protege contra a tirania.

O escritor político francês, Montesquieu, escreveu em "O Espírito das Leis" (1748): *Quando os poderes legislativo e executivo estão unidos na mesma pessoa ou no mesmo corpo de magistrados, não pode haver liberdade; porque podem surgir receios de que o mesmo monarca ou senado promulgue leis tirânicas, para executá-las de maneira tirânica. Igualmente, não há liberdade, se o poder judiciário não for separado do legislativo e do executivo. Se fosse unido ao legislativo, a vida e a liberdade do sujeito ficariam expostas ao controle arbitrário; pois o juiz seria então o legislador. Se fosse unido ao poder executivo, o juiz poderia se comportar com violência e opressão.*

A tirania resultará quando os poderes legislativo, executivo e judiciário forem todos acumulados nas mesmas mãos, de um, de poucos ou de muitos. Isso é verdade para todos os governantes, sejam hereditários, autonomeados ou mesmo eleitos. Simplesmente dar poder ao povo e permitir que eleja seus líderes não é uma garantia de assegurar liberdade para todos. Mil déspotas seriam tão opressivos quanto um. A separação dos poderes governamentais em três ramos é um dos muitos controles governamentais necessários para proteger os direitos e liberdades do povo.

Esses três ramos devem ser completamente independentes entre si, sem que um ramo tenha controle total sobre o outro. Por exemplo, o poder legislativo não deveria poder remover o executivo ou o judiciário com facilidade; e o executivo não deveria poder dissolver o legislativo ou o judiciário. Embora independentes, esses ramos não devem ser completamente separados, mas devem se unir por meio de um sistema de freios e contrapesos. Isso permitirá que cada ramo impeça que um departamento invada outro, o que resultaria em tirania.

Um exemplo de freios e contrapesos é o executivo que tem o direito de vetar leis aprovadas pelo legislativo, e o legislador pode anular o veto com uma porcentagem maior de votos de seus membros. Um sistema bem definido de freios e contrapesos ajudará a manter a separação de poderes nos três ramos. Embora essa separação produza algum conflito entre os ramos do governo, isso ajudará a preservar esses três ramos do governo e a garantir que o sistema de freios e contrapesos continue. Preservá-los é tão necessário quanto instituí-los.

Judiciário independente e julgamento do júri

Outra verificação importante sobre o abuso de poder governamental é o estabelecimento de um sistema judiciário com juízes independentes do

poder executivo ou legislativo e a instituição de julgamentos por júri. Em uma nação sob lei, qualquer violação da lei exige um juiz. Os infratores devem ser punidos e obrigados a fazer uma restituição para dissuadir o crime; contudo deve haver um processo ordenado de justiça em que os culpados e os inocentes sejam distinguidos. Os juízes devem não apenas ter conhecimento da lei, mas também ser honestos, recusando subornos e não agindo com favoritismo.

A República Hebraica enfatizava um judiciário independente e imparcial (2Cr 19:5-10; Ex 23:1-3; Dt 17:6; Lv 20). Além disso, afirmava cinco pontos importantes sobre o judiciário em passagens como Dt 19:15-19: (1) O indivíduo é inocente até que se prove o contrário; (2) Toda pessoa tem direito ao devido processo legal; (3) Não pode ser obrigado a testemunhar contra si mesmo; (4) Os acusadores devem estar pessoalmente presentes para confrontar o réu para que possam ser interrogados; e (5) todos têm o direito de apelar para um tribunal superior (Dt 1:19).

A história está repleta de exemplos de juízes manipulados pelas autoridades governamentais para promover sua agenda política. Um judiciário independente é essencial para garantir que os limites estabelecidos por uma constituição sejam mantidos. O sistema judiciário deve ser formado por indivíduos não eleitos que não podem ser influenciados por pressões políticas. Os tribunais fornecem uma verificação para os ramos legislativo

e executivo do governo e determinam sua fidelidade aos padrões constitucionais.

Juízes individuais, mesmo que não eleitos, às vezes podem ser manipulados por outros líderes do governo para tomar decisões injustas contra oponentes políticos do governo. Portanto, para proteger a liberdade individual e garantir um julgamento justo, um sistema judiciário precisa de um júri escolhido aleatoriamente da sociedade. Esses membros do júri geralmente devem estar no mesmo nível social que o acusado. Eles também devem ser da mesma cidade ou área geográfica do acusado, mas não devem ter conhecimento prévio de qualquer fato do caso que possa influenciar sua perspectiva. Um julgamento pelos pares é eficaz porque conta com uma pluralidade de pessoas para julgar o caráter do réu e a credibilidade das testemunhas. A fim permanecer independente, o júri também deve ser protegido contra represálias do governo.

Existe liberdade em uma sociedade que garante que a vida, a liberdade e a propriedade não podem ser tiradas do indivíduo até que uma dúzia de seus compatriotas profiram sua sentença sob juramento contra ele. Um governo sem tal sistema de justiça permite que o legislativo passe leis opressivas ou que os juízes interpretem a lei de maneira deliberadamente equivocada.

O sistema de júri foi prefigurado na República Hebraica (Dt 19:15-21) e nos ensinamentos de Jesus a respeito de levar casos ao povo (Mt 18: 15-17). Foi

totalmente desenvolvido na lei britânica há mais de mil anos. Historicamente, governos fascistas ou comunistas proibiram o julgamento por júri porque os governantes querem ter poder para evitar a prestação de contas ao povo, eliminando assim, a influência de oponentes políticos. Os Estados Unidos conduzem cerca de 120 mil julgamentos por júri a cada ano e essa é uma das razões pelas quais nunca houve assassinato ou prisão de oponentes políticos. A injustiça de funcionários públicos é abordada por pessoas com poderes para fazê-lo através do processo legal nos tribunais e, portanto, nunca houve necessidade de um golpe militar ou de uma revolução violenta.

Polícia civil e milícia

Outro meio crucial de controlar o poder dos homens pecadores no governo é ter uma polícia e milícia controladas e dominadas por civis. A República Hebraica separava claramente a liderança do exército do poder executivo. Moisés era o executivo, enquanto Josué era o comandante do exército. Davi era o rei, enquanto Joabe era o comandante das forças armadas. Esses executivos ou reis teriam autoridade sobre um pequeno exército profissional em tempos de paz, como por exemplo Davi tinha nos seus 600 homens guarda-costas, forças para uso em emergências até que o exército pudesse ser reunido (1Sm 23:13). Os comandantes militares liderariam a estratégia militar geral da milícia quando fossem convocados

em tempos de guerra, mas as divisões menores da milícia também tinham seus próprios oficiais eleitos localmente (Dt 20:9; Nm 31:14). Os membros da milícia forneciam suas próprias armas, o que pressupunha o direito de qualquer cidadão possuir e usar armas. Isso é evidente quando Moisés disse aos cidadãos para "se armarem" (Nm 31:3 e 32:20) e quando Davi disse a "cada homem" que "preparasse sua espada" (1Sm 25:13). Tentativas de proibir o direito do indivíduo de possuir armas eram contrárias à lei. Israel caiu sob opressão quando permitiu que seu direito de ter armas fosse retirado (1Sm 13:19-22). O resultado foi que quando precisaram delas "no dia da batalha, não se achou nem espada, nem lança na mão de nenhum do povo que estava com Saul e com Jônatas".

Também é importante observar que os líderes das milícias locais poderiam se recusar a servir caso julgassem que uma guerra era injusta. Jz 5:8 fala de uma época em que os líderes de Israel escolheram "novos deuses", mas quando chamados a lutar, o povo se recusou: "Escolheram-se deuses novos; então a guerra estava às portas; não se via escudo nem lança entre quarenta mil em Israel." Seba tentou fazer isso da maneira errada em 2Sm 20. Jeroboão fez da maneira correta em 1Rs 12:16. O processo para essa recusa ou também para lutar contra seu próprio governo, se for tirânico, é explicado mais detalhadamente em um capítulo posterior.

O poder militar e policial é uma necessidade da

sociedade para proteger os cidadãos de criminosos e inimigos, tanto estrangeiros quanto domésticos. Um povo sábio e prudente sempre terá um olhar atento e ciumento sobre esse poder. A supremacia do civil sobre a autoridade militar é um princípio essencial do governo livre. A história mundial tem provado repetidamente que os exércitos do “povo” estão lá para proteger os interesses do povo como um todo, mas muitas vezes têm sido usados por poderosos líderes do governo para promover seus próprios objetivos egoístas. Muitas nações experimentam golpes militares regularmente e os generais dos exércitos governam a nação em vez de “Presidentes” e “constituições”. Existe uma maneira legítima para militares ou cidadãos armados resistirem e lutarem contra seu governo, se ele se tornou tirânico, mas isso não é um golpe. Isso será explicado com mais detalhes em um capítulo posterior.

Para garantir o controle civil das forças armadas, uma constituição pode estabelecer um chefe de estado eleito (“Presidente”) como comandante em chefe das forças armadas em tempo de guerra. No entanto as regras para os militares devem ser estabelecidas por representantes eleitos do povo, diferentes do chefe de Estado. Esses representantes eleitos não devem poder gastar dinheiro com exércitos por mais de um período até que sejam reeleitos. Isso mantém o apoio do poder militar pelos representantes sujeito à aprovação do povo. Os oficiais mais altos das forças armadas

também não devem ser nomeados pelo chefe de estado, mas por representantes eleitos de sua própria área geográfica.

Também é importante que a maioria do exército de uma nação seja formada simplesmente por cidadãos trabalhadores que possuam suas próprias armas e possam ser convocados rapidamente. Fazendo isso, não tem como haver um exército permanente que possa ser manipulado por um líder político corrupto. Esse sistema permite que qualquer cidadão possua sua própria arma, dando a ele a capacidade de se defender, além de dar a cada região local a capacidade de se defender de exércitos que se tornaram peões de um governo tirânico. Exemplos modernos incluem não apenas os EUA, mas a Suíça, onde todo cidadão é obrigado a possuir armas e até Hitler achou melhor não invadir aquele país (e onde muitas pessoas depositam seu ouro porque nenhum tirano doméstico pode facilmente dominar aquele país e seus bancos por dentro).

A força policial também deve ser controlada local e regionalmente, completamente separada do poder militar. O chefe das forças policiais deve ser eleito e governado pelo governo local, mas o restante da polícia pode ser contratado pelo governo como emprego normal.

Eleição de representantes

Outra parte crucial do arcabouço do governo livre é

a eleição de representantes. Embora os escritórios governamentais e seus poderes possam ser severamente limitados e controlados, os homens que ocupam esses cargos devem ser eleitos pelo povo e obrigados a enfrentar esse mesmo povo frequentemente para serem reeleitos. Isso estabelece a prestação de contas necessária.

Metade da legislatura nacional da República Hebraica era composta por uma casa de oficiais eleitos chamados “juízes”, selecionados com base na população, não na representação regional ou tribal (Dt 1:13-17; Ex 18:21-26). Outra casa em sua legislatura era composta por dois “anciãos” nomeados e dois escribas/advogados representando cada região geográfica (tribo), além dos 24 sacerdotes, totalizando 70 homens. Esse corpo não eleito era conhecido como Sinédrio.

Os representantes eleitos do povo, no entanto, eram escolhidos com base na população: 10, 50, 100 e 1000. Moisés os juramentava ou “nomeava” somente depois que eram selecionados pelo povo (Dt 1:13).

Eleições frequentes e gratuitas são essenciais, e aqueles que concorrem a um cargo devem poder fazê-lo sem restrição de pertencer a um partido exigido pelo governo. Um partido pode, em determinado momento, dominar as eleições, mas essa situação deve surgir vencendo a batalha no livre mercado de ideias. O direito de qualquer cidadão de formar um partido e oferecer candidatos à eleição é essencial.

O voto em uma nação não deve ser obrigatório para ser livre. Deve ser voluntário e sem restrições por razões arbitrárias, como raça, cor, status social, religião ou gênero que uma pessoa não tem capacidade de alterar. Como a Bíblia não detalha a elegibilidade para votar, pode haver alguma variação dentro do razoável. Um governo é livre para escolher se a posse de uma propriedade é um requisito exigido para alguém votar, uma vez que as pessoas têm interesse em como seus impostos são gastos, mas deve ser um limite mínimo para que qualquer pessoa possa trabalhar duro e se qualificar para votar. Um governo também pode designar um requisito de idade e de um voto por cada família em vez de por cada indivíduo. O que importa é que todos sejam representados de alguma maneira. A votação também deve ser por escrutínio secreto para que nenhuma pressão ou medo de represália possa influenciar o resultado.

Uma vez que a eleição determine o vencedor, deve haver um compromisso com a transição pacífica e a renúncia ao poder pelos antigos ocupantes dos cargos. Também é essencial que todos os candidatos e partidos concorrentes trabalhem juntos em prol do bem comum da nação. Às vezes, as eleições são manipuladas pelos governos e, quando essas fraudes ocorrem, é preciso haver resistência. Para evitar fraudes, é aconselhável que haja observadores imparciais em todas as partes do processo eleitoral.

É crucial que nem todos os cargos

governamentais sejam preenchidos por escolha popular. Para prevenir a politização do judiciário, por exemplo, seria melhor que os juízes permanecessem nomeados pelos representantes eleitos. Outra precaução necessária para prevenir a tirania da maioria e garantir uma mudança gradual mais saudável em uma nação seria que diferentes partes dos poderes legislativo e executivo, nos níveis nacional e regional, enfrentassem eleições em anos diferentes. Isso pode evitar que mudanças radicais ocorram sem tempo para o eleitorado avaliar completamente as possíveis consequências.

Independência da igreja, imprensa e escolas

Já citamos o texto em que Jesus respondeu à pergunta de seus oponentes em, Mateus 22, sobre o pagamento de impostos a César, no qual ele respondeu: “dai a César (isto é, o governo) o que é de César, e a Deus o que é de Deus!” (Mt 22:17-21).

Antes de dar essa resposta, Jesus pediu uma moeda, levantou-a e perguntou à sua audiência de quem era a imagem gravada nela. Ao responderem que era a imagem de César, ele replicou que pagassem impostos a César. Porém a segunda metade de Sua resposta foi dar a Deus o que pertence a Deus. A ideia da imagem transmitia um pensamento que os ouvintes judeus entenderiam, mas as autoridades romanas não. A imagem de César na moeda representava sua

jurisdição legítima sobre questões tributárias, mas, da mesma maneira, a imagem de Deus representava uma área da vida que somente Deus tinha jurisdição.

A imagem de Deus é encontrada na alma e na mente do homem. Algo único que nos foi dado por Ele. Portanto, nunca devemos ceder o controle dela a nenhuma autoridade humana, especialmente ao Estado. A aplicação prática da resposta de Jesus foi revolucionária e contrária à ideia pagã universal de governo que reivindicava jurisdição sobre todas as esferas da vida. Os ouvintes judeus entenderam que Ele expressava claramente que tudo o que se relaciona à mente, fala e adoração e instituições relacionadas deve permanecer independente do controle do governo. Em outras palavras, sistemas educacionais, mídia, imprensa e todas as assembleias para comunicação e adoração não estavam sujeitos a nenhuma autoridade terrena.

Séculos depois, esse ensino político de Jesus Cristo tornou-se a base da moderna ideia ocidental de separação entre igreja, mídia e o discurso das esferas de poder do Estado. Foi um advogado cristão nos Estados Unidos, chamado James Madison, quem escreveu esse conceito fundamental na Constituição dos EUA em 1789, afirmando que o governo “não pode criar leis... que proíbam o livre exercício (da religião) ... ou que restrinjam a liberdade de expressão ou de imprensa ... “

Família, escolas e mídia são as três áreas da vida, além da própria Igreja, que operam na esfera da alma e da mente. Elas são poderosas na formação da cultura e no futuro de uma nação e, como tal, devem ser completamente independentes do controle do Estado. Biblicamente, nenhum governo tem autoridade sobre essas áreas que carregam a imagem de Deus.

Essas sete estruturas de governo, baseadas em ideias e modelos bíblicos, fornecem salvaguardas para a proteção dos direitos à vida, à liberdade e à propriedade, os quais foram concedidos por Deus às pessoas. Lembre-se de que o propósito do governo civil é proteger os cidadãos cumpridores da lei e punir criminosos. Essas estruturas são algumas das maneiras pelas quais essa proteção é garantida.

Objetivos e princípios bíblicos do governo

Existem cinco funções básicas do governo que são confirmadas nas Escrituras. A primeira é "estabelecer justiça". Este é o primeiro propósito do governo civil. A Bíblia diz em 1Pe 2:14 que os governantes civis existem "tanto para castigo dos malfeitores como para louvor dos que praticam o bem". Encontramos o mesmo em Gn 9:6, quando Deus disse a Noé que "se alguém derramar o sangue de uma pessoa, o sangue dele será derramado por outra pessoa". Isso é justiça.

O segundo objetivo do governo civil é “garantir a tranquilidade doméstica”. Isso é encontrado nas Escrituras em 1Tm 2:1,2, onde Paulo exorta os cristãos a orar pelos governantes civis “para que vivamos vida mansa e

tranquila, com toda piedade e respeito.”

Em terceiro lugar, o governo deve “prover a defesa comum”. A proteção da vida humana inocente está na base não apenas da pena de morte e da força policial doméstica, mas também nesta terceira provisão de exército para proteção contra ameaças externas. Em Rm 13:4, afirma-se sobre o governo civil que “não é sem motivo que a autoridade traz a espada”. Se as ameaças externas têm um enorme arsenal de armas nucleares, deve haver pelo menos quantias iguais para impedir a agressão a seres humanos inocentes.

Em quarto lugar, o governo deve “promover o bem-estar geral”. Rm 13:4 diz que os governantes civis são servos: “é ministro de Deus para o seu bem”. O bem comum de todas as classes de cidadãos deve ser promovido pela aprovação de leis governamentais que garantam a igualdade de oportunidades. Observe, a escolha das palavras do autor aqui: promover, não fornecer. As Escrituras deixam claro que Deus é o provedor, não o estado, e que indivíduos carentes devem ser tratados por atos particulares de caridade. Um sistema bíblico de livre iniciativa deve promover o uso compassivo da riqueza, mas o socialismo ou o comunismo é contrário às definições bíblicas de governo civil.

Por fim, o governo civil existe para “assegurar as bênçãos da liberdade”. “Bênçãos” são um presente do Criador, não um privilégio concedido pelo governo. As mais básicas dessas bênçãos concedidas pelo Criador

foram definidas na Quinta Emenda da Constituição, que menciona “vida, liberdade e … propriedade privada”. As Escrituras definem Deus como a fonte da vida em Gn 1:27: Deus, portanto, criou os seres humanos à Sua imagem. Ele também é o autor da liberdade. 2Co 3:17 diz: “onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.” Lv 25:10 diz: “proclamem liberdade na terra a todos os seus moradores”. As Escrituras também definem Deus como a fonte da propriedade privada e “da busca pela felicidade”, conforme expresso na Declaração de Independência. Ec 5:19 declara: “Quanto àquele a quem Deus conferiu riquezas e bens e lhe deu poder para deles comer, receber a sua porção e desfrutar do seu trabalho, isto é dom de Deus.” Também em 1Cr 29:12: “Riquezas e glória vêm de ti.” É claro que Deus pretende nos abençoar e que viver em liberdade é a principal maneira para isso acontecer.

As ideias bíblicas do homem e do governo começam com o entendimento de que, devido a sua natureza pecaminosa, ao homem não deve ser conferido muito poder, mesmo que ele tenha sido regenerado pelo sangue de Jesus Cristo. A filosofia de governo a que você adere depende muito de você acreditar ou não que a humanidade tem uma

natureza de pecado inerente. O pai da constituição americana, James Madison, disse no Federalista No. 51: "O que é o próprio governo senão o maior de todos os reflexos sobre a natureza humana?" A visão se tem da natureza humana afeta profundamente a visão que se tem do governo. Qualquer governo que não seja baseado na crença de que os homens são pecadores estabelecerá um poder centralizado demais nas mãos dos homens, o que sempre resulta em terrível opressão e tirania às custas da liberdade individual. É louvável esforçar-se para estabelecer boas estruturas governamentais tão próximas da Bíblia quanto possível, mas é mais importante que os cidadãos de uma nação trabalhem continuamente para colocar nos cargos homens de Deus que possam estabelecer a justiça, mesmo sem uma forma ideal de governo. Embora boas leis façam bem, bons homens fazem melhor. Nós precisamos de ambos. No próximo capítulo, discutiremos como obter bons líderes do governo e como mantê-los.

***

Recursos sobre a limitação aos poderes do governo quanto à justiça e à proteção e punição igualitárias do crime

- *Instituto de Justiça,* por Brad Dacus
- *Comunidade da Justiça*
- *Governos tomam tudo ...O que resta para mim*? por Dr. Max Lyons

• *Contendendo pela Constituição*, por Mark Beliles e Doug Anderson

Capítulo 2

Ministro de Deus:

Bom governo através de votação, campanha e aconselhamento

Dt 1:13,16 *"...Escolham... homens... segundo as suas tribos; ...(sejam) vossos juízes... Deem atenção às questões que surgem entre os seus irmãos..."*

1Co 6:4 *"quando precisam julgar negócios terrenos... constituem como juízes aqueles que não têm nenhuma aceitação na igreja?" [NAA]*

Riga, Letônia, 2004

Fui convidado para me encontrar com os líderes do governo em seu centro de convenções na Letônia. Na hora marcada, o Vice-Primeiro-Ministro e sua esposa chegaram e sentaram-se ao meu lado. Outros membros do governo nacional também estavam

presentes em volta da mesa: o Ministro da Defesa (que também era pastor luterano), o Ministro da Economia (também pastor, do segmento pentecostal), o Ministro de Assuntos da Família (também pastor, da igreja batista). O Presidente do Parlamento, que também era um pastor luterano, abriu a discussão com palavras que me impressionaram: “Dr. Beliles, todos nós lemos o seu livro sobre Libertação das Nações. Através dele fomos inspirados para, como cristãos, nos envolvermos na política de nossa nação pelo reino de Cristo. Nós nos organizamos e começamos a fazer com que os cristãos votassem e tivemos um sucesso surpreendente. Acreditamos no que você disse e ganhamos a maioria nas eleições de nosso país. Assim, colocamos líderes no governo nacional que estão hoje em torno dessa mesa. Então, é por isso que estamos felizes por você ter vindo se reunir conosco para que possamos obter conselhos sobre o que fazer agora com o poder que temos.”

Uau! Raramente esse sucesso ocorre tão rapidamente quando os cristãos se envolvem na política de seu país, mas em pouco tempo, esse jovem país conseguiu unir os fiéis para o bem de seu país, e muitos cristãos estavam agora em posições de influência. Na mídia, eles eram conhecidos como o “partido dos sacerdotes” porque muitos eram clérigos, além de serem líderes do governo. Embora eles

mantivessem essas posições duplas, nunca usaram suas posições para evangelizar ou coagir a crença, mas sua fé mútua produziu uma moralidade em seu partido que começou a fazer a diferença no que havia sido uma nação muito corrupta. Eles começaram a ver redução da corrupção, proteção das famílias e se opuseram fortemente à pressão da União Europeia em seguir suas políticas que favorecem o aborto e o comportamento homossexual. Eles aprovaram leis para restringir a pornografia que corria desenfreada em outros lugares do leste europeu pós-comunismo. As escolas foram abertas ao currículo que ensinava princípios e valores divinos. Eles rapidamente se tornaram populares entre as pessoas em seu país. Em contraste, a corrupção na Rússia e na maioria dos antigos países soviéticos continuava desenfreada devido a alianças entre oligarcas, grupos mafiosos e ex-comunistas. Um exemplo é um prefeito cristão evangélico no extremo leste da Rússia que surpreendeu muitos quando foi eleito para o cargo. Uma vez no poder, os subornos vieram em sua direção, mas ele recusou. Depois vieram as ameaças à sua família e à sua própria vida, mas ele ainda se recusava a corromper seu ofício. Então, poderes superiores finalmente contrataram falsas testemunhas e, assim, criaram acusações falsas contra ele fazendo com que ele fosse a julgamento. Ao tomar conhecimento disso, ele

sabia que os juízes haviam sido subornados e ele acabaria na prisão, então foi forçado a fugir do país. Tentei ajudá-lo da melhor maneira possível a conseguir refúgio, mas, até o presente momento, ele não pode retornar ao seu próprio país. A diferença foi que ele entrou na política sozinho, enquanto na Letônia, os cristãos entraram como uma equipe apoiada por um movimento unificado. Foi isso que fez a diferença na Letônia, onde os cristãos na política trouxeram grandes mudanças.

Amudança não acontecerá simplesmente pensando biblicamente. Também precisamos agir. Como está escrito em Rm 12:2,21, "deixem que Deus os transforme pela renovação da mente", mas depois "Não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem." Qualquer um pode ser um crítico, mas nossa cultura precisa de estadistas cristãos e reformadores sociais, como os profetas da Bíblia, que se manifestaram e tomaram medidas para aliviar as necessidades daqueles que sofriam.

Rm 13:3 diz que o povo de Deus no governo deve trazer "temor ... quando se faz o mal". O apóstolo Paulo usa a ideia do terror e a conecta de maneira positiva ao papel do governo. Isso é o oposto do terrorismo moderno contra civis inocentes. Depois de nos exortar a "vencer o mal com o bem" no último versículo do capítulo 12, ele prossegue no capítulo 13 fazendo uma ilustração de como isso é feito. Ele escolhe o governo para seu exemplo, um tópico que os pastores modernos costumam evitar

mencionar no púlpito.

Em Rm 13:3-4, Paulo diz que a intenção de Deus para os líderes no governo é a seguinte: “Porque os magistrados não são para temor, quando se faz o bem, e sim quando se faz o mal... a autoridade é ministro de Deus para o seu bem. Mas, se você fizer o mal, então tenha medo, porque não é sem motivo que a autoridade traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar quem pratica o mal.” Você consegue ver uma das maneiras pelas quais o povo de Deus pode vencer o mal com o bem? Isso é feito colocando pessoas boas no governo de forma que os propósitos de Deus para a nação possam ser realizados.

A história do mundo mostra que, com demasiada frequência, o governo pune pessoas boas e deixa de punir pessoas más. De fato, às vezes, os mesmos que estão no poder agem como criminosos. Mas em Rm 13:3 fica claro que o propósito de Deus é que as autoridades do governo tragam “temor ... para os que fazem o mal” (isto é, contra os malfeitores). As boas pessoas no governo que cumprem esse propósito são os “terroristas” de Deus – para se diferenciar daqueles que são terroristas por inspiração satânica, que mesmo não possuindo qualquer cargo no governo eleito, ainda assim cometem violência contra civis inocentes em nome de Deus.

Muitas ações estratégicas necessárias para discipular efetivamente a nação são reveladas por modelos maravilhosos que a história nos fornece.

Em todas essas coisas, devemos lembrar de perseverar e não desistir quando as primeiras tentativas não trouxerem resultados significativos. Jesus ensinou em Lc 18:2-5 que, em um ambiente civil, como os tribunais, assim como na oração, a persistência alcança a justiça. Também é claro nesta passagem que os cristãos podem buscar influência social por meios legais. Mais adiante, em Lc 19:11-17, Jesus também ensinou que devemos usar nossos recursos no local de trabalho para "ocupar" o espaço até que Ele retorne.

Como podemos fazer isso sem boas pessoas no governo? Neste capítulo, examinaremos as práticas bíblicas que são eficazes para colocar boas pessoas no poder e a atividade política que é eficaz e bíblica para vencer o mal:

Votação e Campanha para eleger representantes piedosos

No sistema de governo representativo eleito, estabelecido no início da República Hebraica, havia um grupo de líderes eleitos pelo povo com base na população. Tudo começou quando Jetro, o sacerdote de Midiã, aconselhou Moisés sobre como administrar o governo. Em Ex 18:19-23, Jetro aconselhou Moisés a "representar o povo diante de Deus", mas também a ordenar que o próprio povo "Procure entre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens que amam a verdade e odeiam a

corrupção. Coloque-os como chefes do povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez... Se você fizer isto, e se essa for a ordem de Deus, então você poderá suportar (as dificuldades)". Dt 1:9,13 declara claramente que Moisés delegou essa escolha ao povo e disse-lhes que "Escolham homens sábios, inteligentes e experimentados, segundo as suas tribos, para que eu os ponha por chefes de vocês... chefes de milhares, chefes de cem, chefes de cinquenta, chefes de dez e oficiais, segundo as suas tribos." Eles eram conhecidos como "juízes" ou "oficiais". (O termo "juízes" também foi usado para cargos nos ramos judiciário e executivo do governo.)

Esses "oficiais" eram um grupo de representantes diferente daqueles de líderes não eleitos dos vários clãs e tribos, conhecidos como "os anciãos", mencionados em Ex 18:12. Moisés primeiro apresentou as leis de Deus e o plano de eleições a esses anciãos, que eram em número de setenta (Ex 24:1 e Nm 11:16,17). Os "Setenta", mais tarde, passaram a ser conhecidos como o Sinédrio, que funcionava como uma espécie de congresso ou assembleia governamental nacional.

Por meio de Jetro, em Ex 18, ficou claro que é um mandamento bíblico escolher líderes que temem a Deus, que demonstrem caráter cristão e que tenham uma cosmovisão bíblica. O apóstolo Paulo repreendeu os cristãos coríntios, na Grécia, por negligenciarem esse dever. Primeiro, ele os instruiu que deveriam ser líderes dos tribunais gregos, mas

continuou dizendo que, em primeiro lugar, eles não deveriam ter ações judiciais uns contra os outros (1Cr 6:2-5). A primeira repreensão era apropriada, visto que na Grécia os cidadãos podiam escolher alguns de seus funcionários civis locais por meio de sua liberdade de voto (o império romano permitia isso na Grécia devido ao seu antigo padrão de democracia).

Embora a Bíblia fale de uma variedade de dons de ofício oferecidos entre seus ministros, como apóstolo, profeta, pastor, mestre, evangelista; na verdade existem duas categorias que são chamadas de “ministros de Deus”. Essas duas categorias amplas são o ministro do evangelho/igreja e o ministro civil (Rm 13 4). Um se concentra dentro da igreja para seus membros, mas o outro funciona na sociedade em geral para seus cidadãos. Ambos são igualmente sagrados aos olhos de Deus e, uma vez que ambos são chamados de “ministros de Deus”, Erasto, que já era um assistente apostólico de Paulo em tempo integral, não viu problema algum em buscar a eleição como Comissário de Obras Públicas na cidade de Corinto (At 19:22; Rm 16:23). Aquela não era uma posição inferior aos olhos de Deus.

Em um sistema de governo democrático, negligenciar colocar cristãos em posições de liderança governamental é um pecado, assim como seria esconder nossos talentos, conforme descrito por Jesus em Mt 25:14-30. Esse é o nosso dever em um governo democrático, não apenas

como cidadãos, mas também como seguidores de Cristo.

A aplicação de Paulo do dever hebraico como cidadãos à então pagã cultura da Grécia significa que todos os cristãos têm a mesma responsabilidade, independentemente de sua cultura. Se eles têm liberdade política para fazê-lo, todo cristão é chamado a selecionar representantes piedosos votando e também ajudando e servindo indivíduos piedosos que buscam cargos, ou talvez até se candidatando a cargos públicos. Os cristãos que não fazem nada ou se esquivam desse dever cívico terão que dar conta de sua negligência.

Como se pode esperar o governo de Deus ou a transformação bíblica de sua nação enquanto os cristãos permanecem apáticos e desengajados do processo político? Deixar a "política partidária" apenas para os poucos cristãos que "são chamados" a fazê-lo, como muitos cristãos afirmam, não é apenas uma desculpa, mas uma negligência do dever. Embora apenas alguns possam concorrer a cargos públicos, todo cristão é chamado para apoiar aqueles que buscam tais cargos. A falta de consideração quanto ao nosso dever, não apenas cívico, mas bíblico, permite que o mal e a corrupção floresçam nas nações livres, trazendo julgamento nacional e tristeza às gerações futuras.

Exemplos bíblicos de

ENVOLVIMENTO POLÍTICO DO POVO DE DEUS

A Bíblia está cheia de exemplos do povo de Deus ajudando seus irmãos a conquistarem cargos públicos. Samuel fez uma campanha para que Saul fosse rei e, mais tarde, para que Davi fosse rei, ungindo-os e, assim, publicamente endossando o apoio dos cidadãos judeus (1Sm. 16:1,2). Natã fez o mesmo com Salomão (1Rs 1:32-34). Aías fez o mesmo com Jeroboão (1Rs 11:26-39; 12:12-15). Eliseu incentivou Jeú a derrubar o rei Acabe e a rainha Jezabel (2Rs 9: 1,6,7,10,21,30,33).

Os profetas da Bíblia não podem ser compreendidos separadamente de suas atividades políticas e sociais na busca pela reforma de sua nação. A esmagadora maioria da atenção e mensagens dos profetas foi concentrada nos líderes governamentais e nos problemas sociais. Os profetas eram os estadistas ou reformadores sociais de seu tempo – ativistas políticos com uma cosmovisão bíblica para confrontar a filosofia mundana perpetuada

por falsos profetas. Um falso profeta é simplesmente alguém que trabalha pela reforma social com base em uma perspectiva pagã da vida. Um verdadeiro profeta é aquele que baseia suas ideias e atividades políticas em uma cosmovisão bíblica. (Nota: Isso deve ser diferenciado do ofício de profetas do Novo Testamento, com um

ministério exclusivamente dentro da igreja para incentivar e fortalecer os crentes. Os profetas do Antigo Testamento foram aqueles que abordaram não apenas questões espirituais dentro da igreja, mas da sociedade e dos assuntos públicos). Muitas pessoas de Deus na Bíblia e ao longo da história realmente procuraram cargos públicos. Temos exemplos no Antigo Testamento de clérigos que procuravam cargos públicos, como Samuel, Esdras e Sofonias, e muitos outros levitas que serviam como funcionários civis (Dt 17:8-13; 2Cr 19:8,11), mantendo uma separação jurisdicional institucional entre a igreja e o Estado. Outros piedosos, que não eram necessariamente clérigos por profissão, serviram no governo: Noé, Abraão, Isaque e Jacó, os quais foram príncipes patriarcais. José se tornou o Primeiro-Ministro do Egito. Moisés, Josué, Débora, Davi, Zorobabel, Neemias, Ester (Rainha da Pérsia), Mardoqueu e Daniel (nos governos persa e babilônico) também foram servidores na política.

POLÍTICA E GOVERNO NO INÍCIO DO CRISTIANISMO:

Tem havido muitos outros profetas do tipo reformadores sociais ao longo da Era Cristã. Eles não cessaram com o Antigo Testamento. Aqui estão alguns exemplos:

- 35 – Felipe converte um funcionário público etíope (At 8)
- 57 – Erasto, um colega ministro de Paulo, entra

no governo/política em Corinto (Rm 16:23)

• 100 – Ovídio, da Gália, emancipa 5000 escravos. Hermes, um prefeito romano, emancipa 1200.

• 126 – Galen, um pagão grego, diz que os cristãos são conhecidos por “autocontrole” e “busca pela justiça”.

• 206 – O rei Abgar IX, do reino independente de Edessa (Osroena), se converte.

• 301 – Gregório, o Iluminador, converte o rei Tiridates I, da Armênia, que, em 310, faz do cristianismo a religião nacional oficial, dando auxílio estatal e proibindo a liberdade de outras religiões.

• 311 – O imperador Galério (Gaius) emite o Edito de Tolerância, encerrando a perseguição no império oriental.

• 312 – Uma visão seguida pela derrota de Maxêncio, na Batalha da Ponte de Milvia, levam à conversão do imperador Constantino, o Grande, no império ocidental. Em 313, seu Edito de Milão foi oficialmente expedido declarando liberdade religiosa em todo o Império Romano.

• 316 – Constantino aprova um método legal para libertar escravos em uma igreja diante do bispo. Também concedeu cidadania instantaneamente. Além disso, implementou a pena de morte aos que sequestrassem crianças para escravidão.

• 318 – Constantino concede aos cristãos o direito

de levar seus casos aos tribunais eclesiásticos, em vez de seculares. Foi quando os bispos, atuando como funcionários judiciais, começaram a usar togas.

• 320 – Clérigos foram isentos de pagamento de impostos por causa de seu outro serviço público.

• 321 – Constantino decreta o domingo como dia oficial de descanso romano-cristão (ou feriado do Estado).

• 325 – Constantino torna ilegal as crucificações, marcação a ferro de escravos e os jogos de gladiadores.

• 326 – Rei Mirian III (Miraeus), da Geórgia, se converte ao cristianismo.

• 328 – Frumentius prega na Etiópia, onde o rei Ezana de Axum é cristão (primeiro governante fora do império romano a se converter). Em 333, ele erroneamente faz do cristianismo a religião oficial do estado.

• 342 – Primeira lei contra o casamento homossexual no Império Romano: "Quando um homem se casa à maneira de uma mulher … Ordenamos que os estatutos subam e que as leis se armem com uma espada vingativa".

• C.350 – Basílio de Cesaréia escreveu: "As mulheres … que administram drogas para causar o aborto, bem como as que tomam venenos para destruir crianças que ainda não nasceram, são assassinas". Gregório de Nazianzo disse que, ao

contrário das definições legais romanas existentes, o adultério também poderia ser cometido pelo homem, não apenas pela mulher. Isso promoveu a igualdade de justiça. As mulheres também começaram a ser separadas dos homens nas prisões para fins de proteção.

• 374 – O imperador Valentiniano I proíbe formalmente o aborto, o infanticídio, o abandono de crianças; estabelece os direitos das mulheres na escolha do marido e permite às mulheres a participação nas leis de herança.

• 390 – Lei romana contra a homossexualidade: "Todas as pessoas que têm o vergonhoso costume de... agir como se fosse uma mulher, praticando o sexo de forma estranha, devem expiar um crime desse tipo em chamas vingadoras".

• 390 – Ambrósio de Milão (340-397) torna-se bispo depois de ser advogado e governador.

• 395 – Ausônio torna-se governador cristão da Gália (ou seja, França).

• 404 – O decreto do Imperador Honório proíbe lutas de gladiadores no Ocidente, assim como Teodósio I no Oriente.• 419 – Leis são aprovadas permitindo que pessoas procuram santuário em uma igreja

• 420 – Leis protegendo mulheres dizem que quem estupra uma virgem consagrada deve ser punido. Meninas são retiradas do pai ou senhor que força a filha ou a escrava à prostituição.

• 432 – Patrício, na Irlanda, treina líderes do governo usando suas seleções da lei de Moisés (Liber Ex Lege Moisi) interrompendo a prática de sacrifício humano e, em sua carta a Coroticus, ele é o primeiro a falar de “Lei sagrada”, “direitos” e da “propriedade dos pobres”. Seu sucessor Benin edita (ou escreve) o “Livro dos Direitos”.

• 449 – As leis declaram que o adultério também se aplica aos maridos; permite que a esposa se divorcie do marido adúltero.

• 492-496 – O Papa Gelásio I afirmou que os poderes civis e religiosos tinham que ser distinguidos, mas quando o Império Romano do Ocidente começou a entrar em colapso, o clero (isto é, o Papa) assumiu a liderança civil no Ocidente, enquanto no Oriente, os Imperadores lideravam a igreja.

• 496 – O bispo Remígio de Reims convenceu o chefe franco Chlodwech (Clovis) a mudar da fé ariana para a fé católica trinitária. A lei Lex Salica se desenvolve.

• 529 – Justiniano, o Grande (527-565), imperador bizantino (antigo Império Romano Oriental), aboliu todas as leis que impediam a libertação de escravos. Entre 529 e 534, ele emite seu Corpus Juris Civilis, que é uma cristianização da lei romana. “Pune com a morte” não apenas aqueles que violam os casamentos de outras pessoas, mas também aqueles que ousam cometer atos de luxúria vil com outros homens ”.

• 578 – An-numan III, o último dos príncipes árabes Lachemids, se converte.

• 590 – Missionários irlandeses Columbanos (543-615), Gall (falecido por volta de 630) e outros 11 reconstruíram a Europa cristã com ênfase celta nas leis do governo de Patrício.

• 590-604 – O papa Gregório I tornou-se governante de fato do antigo Império Romano Ocidental. Santo Agostinho de Canterbury, enviado para a Grã-Bretanha em 597, converteu o rei da Saxônia Ocidental, Edelberto de Kent, e dez mil de seus guerreiros foram batizados. Aquela foi mais uma aliança política do que um reavivamento religioso.

• 625 – Paulinos, um monge católico galês, vai para Northumbria, Inglaterra, e converte o rei Edwin em 627. Em 633, o rei Oswaldo, sobrinho de Edwin, foi batizado e educado pelos celtas em Iona.

• 635 – Monges nestorianos da Ásia Menor e da Pérsia, incluindo Alopen (ou seja, Abraão), chegam à capital chinesa de Xi'an (anteriormente Chang'an) durante a dinastia Tang. Essa religião "ilustre" ou "luminosa" foi declarada tolerada pelo imperador Taitsung em 638 e apoiada por uma sucessão de outros. Em 650, o imperador Kao-Tsung fez de Alopen um guardião do império e senhor da Grande Lei (653).

Após isso, houve muitos outros que fizeram

campanha e ajudaram líderes justos a conquistar cargos públicos. Por exemplo, o Rev. Stephen Langton ajudou os Barões ingleses, o Rev. John Wycliffe e o Rev. Jan Hus na Europa; e, mais tarde, o Rev. John Witherspoon e o Rev. Charles Finney nos Estados Unidos e o Rev. João Wesley na Inglaterra.

Como os cristãos de hoje raramente tiveram qualquer ensino bíblico sobre política e governo, muitos deles sequer votam e, quanto a se tornarem mais ativos na política partidária, ainda menos. Pode parecer-lhes estranho e até mundano fazê-lo. Portanto, é importante discutir isso mais a fundo.

O DEVER BÍBLICO DE CADA CRISTÃO EM RELAÇÃO À POLÍTICA

A liberdade de escolher um representante no governo não é uma invenção moderna nem começou na Grécia, como se pensa comumente. Como vimos anteriormente, foi um plano divino acerca de um governo piedoso que deu início à República Hebraica. John Jay, um dos autores dos Artigos Federalistas e primeiro Chefe de Justiça da Suprema Corte, disse: “A providência deu ao nosso povo a escolha de seus governantes, e é o dever, assim como o privilégio e o interesse, de uma nação cristã selecionar e preferir os cristãos para seus governantes”.

O fundador americano Noah Webster disse: “Que

fique gravado em suas mentes que Deus os ordena a escolher como governantes, 'homens justos que governem no temor de Deus'. A preservação de um governo republicano depende do fiel cumprimento deste dever; se os cidadãos o negligenciarem e colocarem homens sem princípios no cargo, o governo em breve será corrompido; as leis serão feitas, não para o bem público, mas para propósitos egoístas ou locais; homens corruptos ou incompetentes serão nomeados para executar as leis e as receitas públicas serão desperdiçadas por homens indignos, enquanto os direitos dos cidadãos serão violados ou desconsiderados. Se um governo republicano falhar em garantir a prosperidade e a felicidade do povo, será porque os cidadãos terão negligenciado os mandamentos divinos elegendo homens maus para fazer e administrar as leis". Isso descreve o estado de muitas nações modernas. Os cristãos estão evitando um envolvimento consistente na política local em detrimento de suas nações.

Para escolher representantes piedosos, é importante que os cidadãos cristãos avaliem cuidadosamente as qualificações de um candidato. Um candidato pode até prometer algo sobre questões específicas, mas seu caráter e visão de mundo geral são mais importantes, porque eles formarão a base de sua tomada de decisão. Ao avaliar um candidato, Moisés deu uma lista de qualificações em Êxodo e Deuteronômio. Em Ex

18:21, diz “Procure entre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens que amam a verdade e odeiam a corrupção”. Primeiro, eles certamente devem ser “capazes” e experimentados para a posição que procuram. Além disso, as Escrituras dizem que eles devem ser homens que “temem a Deus”, isto é, devem ser cristãos ou pelo menos pessoas que reconhecem uma autoridade superior. Eles também devem ser “homens da verdade” e, como afirma Dt 1:13, homens “sábios, inteligentes e experimentados”. Isso significa que eles devem ter uma visão bíblica do mundo – homens que raciocinam a partir da verdade absoluta, não da sabedoria humana. Simplesmente se identificar como cristão não é suficiente. Muitos candidatos podem ter um relacionamento com Jesus Cristo, mas não têm uma cosmovisão bíblica. Isso é especialmente comum no sistema político de hoje, em que os indivíduos são cristãos culturais, mas não têm a mente renovada em relação à visão de mundo das Escrituras e à perspectiva bíblica sobre o público. Por fim, as Escrituras dizem que os critérios para os representantes incluem “odiar a cobiça” ou “ganho desonesto”. Isso significa que, além de uma visão correta do mundo, eles devem ter caráter cristão, uma vida doméstica piedosa e motivos puros.

Quando alguém está envolvido na política local de maneira consistente e participa regularmente de reuniões com os membros do partido, é possível saber se um candidato atende ou não a esses

critérios. Quando ocorre uma vaga para um cargo público, os candidatos são frequentemente escolhidos entre os membros regulares do partido. A visão de mundo e o caráter de cada pessoa podem ser identificados através de conversas, debates e atividades do partido para que se possa ter confiança em nomear fielmente representantes piedosos. Se não houver ninguém assim disponível na política local, candidate-se você mesmo!

Conhecer e trabalhar com candidatos em nível local é importante, porque muitas vezes são esses indivíduos que mais tarde se tornam autoridades eleitas locais ou nacionais. Os relacionamentos fornecem acesso para se discutir questões que surgirão no futuro. As pessoas que nunca se envolvem na política partidária local raramente recebem acesso para se comunicar com seu representante eleito quando surgem problemas. Uma carta, e-mail, texto ou telefonema para um representante eleito por um indivíduo desconhecido é geralmente recebido por um assistente que o compila com outros e transmite um resumo ao congressista. O congressista vê apenas números – tantos a favor e tantos contra uma determinada legislação. Mesmo que os cristãos consigam superar os demais em uma questão, o fato de um congressista ser influenciado apenas pelos números promove o conceito perigoso de pura democracia. Os representantes não precisam ser persuadidos por maiorias, mas pela lei e princípios divinos. Só é possível

influenciar um representante quando houver relacionamentos e apoio a este em nível local na política partidária consistente. É aí que os cristãos precisam se envolver.

A participação consistente na política partidária é o preço da liberdade para os cristãos hoje. Charles Finney, grande evangelista americano do século 19, disse o seguinte: “A Igreja deve tomar o terreno certo em relação à política... Chegou a hora em que os cristãos devem votar em homens honestos e assumir uma posição consistente na política, ou o Senhor os amaldiçoará... Deus não manterá este país livre e abençoado, que amamos e pelo qual oramos, a menos que a Igreja se posicione corretamente. A política faz parte de uma religião em um país como este, e os cristãos devem cumprir seu dever para com o país como parte de seu dever para com Deus... Ele (Deus) abençoará ou amaldiçoará esta nação de acordo com o curso que (cristãos) seguem (na política)”.

Princípios sobre o partido nas eleições

Os partidos políticos locais são o único lugar em que o mandamento divino de selecionar líderes piedosos pode ser totalmente cumprido devido à relação próxima que os indivíduos podem ter com os candidatos, tornando a participação mil vezes mais significativa do que em uma eleição geral. Um partido político é uma organização onde as

pessoas escolhem seus representantes. Não há nenhum partido puro ou inteiramente “cristão”, mesmo que tenha um nome cristão. No entanto os cristãos podem ter mais influência quando estão unidos em um partido que pode vencer as eleições. No sistema bipartidário americano, diferentemente do sistema parlamentar comum na Europa, votar em um candidato a presidente que não tem chance viável de vencer divide o voto e muitas vezes prejudica um candidato relativamente decente que poderia vencer um candidato muito pior. É mais sensato votar em um candidato de princípios de um partido menor no nível local, onde números menores, na verdade, podem mudar uma eleição. À medida que um novo partido continua a ganhar respeito e um número concomitante de eleitores, torna-se possível votar nos candidatos a governador, senador etc., porque eles realmente têm uma chance de vencer. No entanto, até que o novo partido ganhe respeito e força em todo o país, é melhor não votar nesse candidato nas eleições presidenciais. Precisamos ser sábios em nossas estratégias como cristãos, caso contrário, estamos apenas desperdiçando nossos votos e perpetuando o problema de servidores ímpios.

A triste realidade hoje na maioria das nações é que apenas uma minoria de cristãos ainda vota. Não mais que 5% participam do nível político local ou da vizinhança, onde a seleção ou nomeação dos candidatos realmente ocorre (apenas de 0,5 a 1%

participa de reuniões ou convenções). Se os cristãos esperam até a eleição geral para se envolver no governo, o cumprimento de seu dever bíblico se reduz a escolher entre "o menor dos dois males", sendo que nenhum dos dois cumpre os requisitos de Deus para governantes. Deixar de se envolver no processo político desde o início permite que os incrédulos controlem quem o partido coloca na cédula.

"A Constituição", disse John Adams, "foi feita apenas para um povo moral e religioso. É totalmente inadequada para o governo de qualquer outro". As únicas soluções duradouras e permanentes para resolver problemas sociais devem vir da influência da igreja na política local e na construção de uma consciência piedosa na nação. Se cada pessoa piedosa, que atualmente está envolvida em várias causas de interesse especial e grupos ativistas, concentrasse seu tempo, energia e dinheiro em uma participação local consistente no partido político de sua escolha, então os problemas em que estão interessados seriam resolvidos e muito mais! Duas das três posições de liderança do partido no nível local carecem de liderança. A sede de qualquer partido político receberia com prazer um telefonema de cristãos perguntando como se envolver. A experiência tem mostrado que, quando pessoas piedosas vão consistentemente às reuniões do partido e procuram servir e contribuir, geralmente se tornam influentes, quando não

líderes oficiais desse partido dentro de alguns anos. A apatia da maioria dos cidadãos em relação à política pode se tornar uma bênção e vantagem para os cristãos que optam por se envolver e preencher o vazio da liderança.

Se, ao longo do tempo, um partido político começar a acreditar que todos os cristãos serão cegamente leais a ele por causa da tradição social ou cultural, os cristãos começarão a perder sua voz e influência proféticas. O objetivo final não deve ser que os cristãos obtenham o controle de um partido político, mas que cristãos de todas as nuances demográficas se envolvam em cada um dos principais partidos, de modo que, eventualmente, a maioria dos candidatos que constarão na cédula eleitoral reflita as qualificações bíblicas para governantes. Nos Estados Unidos, onde um quarto da população é devotamente cristã, se apenas 15% desses cristãos estivessem consistentemente envolvidos e perseverando em um partido em todo o país, essa atividade transformaria a nação completamente. Em outro país com menor porcentagem de cristãos na população em geral, a porcentagem necessária para transformar um partido o suficiente para potencialmente começar a governar a nação seria maior (cerca de 3 ou 4% da população em geral são necessários. Portanto, se os cristãos na nação forem cerca de 6 ou 8%, então seria necessário que metade deles fossem regularmente ativos em um partido).

Influenciando

bons líderes públicos com aconselhamento e apoio

Além da responsabilidade de eleger pessoas boas para o governo, os cristãos têm o dever de educar seus governantes civis nas verdades bíblicas. Independentemente de o governante em exercício ser cristão ou não, é responsabilidade de um cristão tentar influenciar suas decisões para que reflitam uma perspectiva baseada nos princípios bíblicos. Isso pode ser feito de duas maneiras: atendendo às necessidades de grupos especiais e servindo como seu porta-voz junto ao governo, ou obtendo acesso direto como conselheiro no governo. Ambas essas funções no Antigo Testamento foram cumpridas pelos profetas. Um profeta, na verdade, era um reformador social.

O profeta Eliseu foi um excelente exemplo de advocacia especial em nome de grupos que precisam de ajuda. Ele serviu pessoas com necessidades legítimas em todo a nação de Israel e, assim, ganhou respeito e influência sobre o governo. Nos primeiros nove capítulos de 2 Reis, está o registro de seis décadas nas quais ele liderou o grupo de reformadores sociais, conhecidos como profetas. Além de ajudar os pobres e sofredores, ele ajudou os exércitos da nação a obter alívio da seca e vitória sobre os moabitas. Ele ajudou os reis com conselhos, salvou repetidamente o rei de Israel,

Jeorão, de emboscadas e parou os soldados do rei sírio impondo-lhes uma cegueira. Ele desmascarou a traição de Hazael, encorajou o povo desesperado de Samaria durante o cerco comandado pelo rei da Síria, providenciou o endosso público de Jeú para que o povo de Israel o fizesse rei e o exortou a capturar e matar os opressores corruptos Jezabel e Acabe.

Houve muitos indivíduos na Bíblia que se tornaram conselheiros diretos dos governantes (1Rs 1:5,11-14). Entre esses profetas ou reformadores sociais, encontramos: Samuel, Natã, Gade, Jedutun, Aías, Eliseu, Azarias, Jaaziel, Sofonias, Hulda, Daniel, Ageu, Zacarias, Ester, Esdras e Malaquias. Samuel influenciou Saul; Elias influenciou Acabe, e Jeremias influenciou Josias. Mesmo Paulo, no Novo Testamento, aconselhou governantes como Sérgio Paulo, o procônsul romano, em At 13:6-7. Provavelmente, o maior exemplo na Bíblia de um papel consultivo para governantes foi Isaías. Nos capítulos 29-35 e 36-39, Isaías é visto dando ao rei Ezequias conselhos que influenciaram dramaticamente a nação em relação aos planos de guerra, alianças e outros assuntos.

O fundador americano Thomas Jefferson disse que o preço de se manter a liberdade é “eterna vigilância”. Se os cristãos fazem tudo certo nas outras seis montanhas ou esferas da sociedade, mas evitam seu dever como cidadãos na política, sua nação nunca será totalmente transformada para Cristo. Como alguém disse uma vez: “Tudo o

que é necessário para que o mal triunfe é que os homens bons nada façam".

Uma das maneiras que podemos adotar de aconselhar governantes é a repreensão. Exemplos bíblicos de repreensão a líderes são volumosos. Os profetas Jeremias e João Batista são dois dos muitos exemplos. Jesus nos deu passos claros a seguir para repreender ou para quando formos confrontados com abuso de autoridade do governo, os quais veremos no próximo capítulo.

***

Recursos sobre votação e fornecimento de conselhos e ajuda para bons líderes no governo

- *Cursos de treinamento da 12 Ministries*
- *Dr. Lance Wallnau*
- *Ação FRC*
- *Com Liberdade e Justiça para Todos (Política Cristã Simplificada),* por Joseph Morecraft III
- *Governando nos Portões,* por Joseph Mattera
- *Concorrendo na política à maneira de Deus,* por Vicky Hartzler
- *A Agenda do Cordeiro,* por Samuel Rodriguez
- *Busque o bem-estar da cidade: cristãos como benfeitores e cidadãos,* por Bruce W. Winter
- *Política segundo a Bíblia,* por Wayne Grudem

Capítulo 3

Resistência Justa:

Opondo-se ao mal através de protesto, fuga e autodefesa

1Rs 12:16 *"quando... viu que o rei não lhe dava ouvidos, reagiu, dizendo... 'Às suas tendas, ó Israel!'"*

Lc 10:11 *"Até o pó desta cidade... sacudimos contra vocês!"*

Ucrânia, 2004

No mês de maio, fui convidado para ir à Ucrânia, outro antigo país soviético, para falar com a maior igreja de toda a Europa, com uma congregação de mais de dez mil pessoas e com igrejas em seis outras cidades. Era uma nação que não estava mais sob o controle

direto da Rússia, mas ainda tinha sua antiga e corrupta liderança comunista. Porém a Ucrânia estava experimentando um reavivamento espiritual por mais de uma década e estava pronta para mudanças. Entre os tópicos abordados, estavam os princípios bíblicos de resistir à tirania por meio de protestos pacíficos. Mal sabia eu o quão significativo esses ensinamentos se mostrariam naquele país. Seis meses depois, as eleições presidenciais da Ucrânia foram declaradas fraudulentas por observadores das eleições internacionais. Motivados pelo desejo de ver a transformação em seu país, muitos cristãos ficaram atrás do candidato cristão mais democrático e pró-ocidental que, graças a seus esforços, recebeu mais votos do que o candidato pró-russo. Votos fraudulentos extras foram trazidos para reverter o resultado e o candidato pró-russo foi declarado vencedor. Pastores que testemunharam a trapaça em primeira mão se comunicaram rapidamente e decidiram fazer o que nunca havia sido feito em mil anos de sua história —protestar. “Vamos nos encontrar em Kiev, na praça Maidan!”, concordaram eles. Milhares invadiram a praça na manhã seguinte e a multidão aumentou para mais de 100 mil. Os manifestantes, muitos dos quais eram cristãos, oraram e clamaram a Deus. Como era inverno e fazia muito frio, as autoridades presumiram que ficariam cansados, com frio e finalmente sairiam, mas

> os manifestantes mantiveram sua posição contra a corrupção em seu governo. As igrejas trouxeram comida e cobertores e pediram que se mantivessem firmes. Para desespero do governo, o protesto continuou por semana

A mídia, embora estritamente censurada pelo governo, finalmente disse que não se importava com a perda de seus empregos – eles relatariam a verdade sobre o que estava acontecendo. À medida que os protestos ganhavam atenção internacional, membros do parlamento, policiais e militares tomaram o lado deles. Depois de muitas semanas de protestos, a suprema corte finalmente concordou em examinar as evidências e, para choque de todos, declarou as eleições fraudulentas e pediu novas eleições. Com os olhos do mundo nas eleições, desta vez o verdadeiro vencedor foi eleito. Aquela revolução ficou conhecida como "Revolução Laranja" por causa das cores do candidato presidencial vencedor. Quando o novo Presidente da Ucrânia assumiu o cargo, ele deu glória a Deus. Tive o privilégio de contribuir com ele e com o Primeiro-Ministro sobre novas políticas. Ambos leram meus livros e os exibiram em seus escritórios. Entretanto a batalha pela liberdade e justiça na Ucrânia apenas havia começado. Uma década se passou e muitas outras eleições e protestos ocorreram. Alguns manifestantes até perderam a vida pela causa da liberdade. O governo da Rússia continua se recusando a aceitar as eleições da Ucrânia como oficiais e tomou posse

de grande parte do território daquela nação.

A luta pela liberdade exige sacrifício e perseverança para ter sucesso. Será que tal caráter será encontrado em todos aqueles que desejam liberdade?

No capítulo anterior, examinamos como alçar pessoas boas a posições governamentais. Porém, qual curso de ação temos quando o governo se rebela contra as leis superiores de Deus e se comporta de maneira a prejudicar a vida, a liberdade e a propriedade de seu povo, garantias estas dadas por Deus? Vejamos agora diferentes tipos de atividades políticas que são eficazes e bíblicas nessas situações.

Os exemplos na Bíblia de oposição aos tiranos são volumosos. Os profetas Jeremias e João Batista são dois dos muitos exemplos de cristãos que responderam a governos tirânicos. Isaías 1:17 afirma claramente: “Buscai o direito, corrigi o opressor!” Às vezes, o opressor é um indivíduo, mas frequentemente, na história do mundo, o opressor é o próprio governo.

De fato, o próprio Jesus nos deu passos claros a tomar quando confrontados com abuso de autoridade do governo, conforme veremos abaixo. A passagem para entender Sua mente sobre esse assunto vem de Suas instruções completas sobre como lidar com o governo tirânico. Elas só se tornam claras quando se lê todas as versões nos evangelhos sinóticos simultaneamente. Esse

ensino é encontrado nos capítulos dez de Mateus e Lucas.

Em Mt 10, vemos que Jesus alertou seus discípulos que, ao saírem para pregar o evangelho, entrariam em conflito com líderes do governo que tentariam restringir suas atividades. “Jesus enviou esses doze, dando-lhes as seguintes instruções: “... Curem enfermos, ressuscitem mortos, purifiquem leprosos, expulsem demônios. Vocês receberam de graça; portanto, deem de graça. Não levem ouro, nem prata, nem cobre em seus cintos; nem sacola para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão; porque o trabalhador é digno do seu alimento... Tenham cuidado com os homens, porque eles os entregarão aos tribunais e... vocês serão levados à presença de governadores e de reis...” (Mt 10:5-9,17,18). (Observe a frase referente a não levar bolsa, pois isso nos ajudará a entender um ponto posterior.)

Deus nos deu o dever e, portanto, o direito de adorá-Lo. Seu Filho, Jesus, também nos deu a ordem e, portanto, o direito de pregar o evangelho aos não crentes. Se nosso Criador nos deu esses direitos, nenhum governo pode legitimamente removê-los; mas Jesus diz claramente que os governos tentarão fazê-lo. Quando isso acontece, Ele nos dá os seguintes passos bíblicos para resistir ao mal e combater a injustiça. Cada um deles tem precedentes no Antigo Testamento, mas não serão mencionados aqui por falta de espaço.

Antes de examinar os três passos em busca de uma resistência justa, é importante explicar que Jesus já havia dito a seus seguidores em Mt 5:39: “Eu, porém, lhes digo: Não resistam ao perverso. Se alguém lhe der um tapa na face direita, ofereça-lhe também a face esquerda.” Uma cuidadosa leitura deste texto e seu contexto é importante, porque alguns o interpretaram erroneamente como se o único recurso que um cristão tem em todas as circunstâncias fosse adotar uma postura pacifista. Alguns crentes sinceros fizeram essa interpretação equivocada e pregam isso (como quakers, menonitas, etc.), ainda que esse tenha sido sempre um ponto de vista minoritário na história cristã.

Mas o contexto das palavras de Cristo, em Mateus 5, é uma resposta a pessoas que abusam, insultam e maltratam. Para essas pessoas, devemos responder com amor e nos alegrar por estarmos sofrendo o mesmo que Cristo e os Profetas sofreram antes de nós. Se um indivíduo rejeita o Evangelho ou persegue uma pessoa por sua fé, nosso dever como cristãos é não apenas aceitar, mas também nos alegrar nisso. Dar a outra face a um tapa é abrir a mão, ou seja, estar aberto a receber um insulto, não aceitar um punho ou mão segurando uma arma mortal que nos ameaça ou a nossos entes queridos. O capítulo 13 de Romanos muitas vezes é mal interpretado por essas mesmas tradições como significando uma submissão universal a qualquer governo, como se, de alguma forma, Deus tivesse ordenado tudo o que eles

fazem. Mais uma vez, o texto de Romanos 13 explica que a submissão é condicionada ao fato dessas autoridades serem submissas à "ordenança de Deus", agindo como ministros do bem que punem os malfeitores e protegem os inocentes (Rm 13:1-4). Se o governo perverte isso castigando as pessoas boas e protegendo os criminosos, então nenhuma submissão pode ser exigida.

O que Cristo, porém, realmente exige, é a resistência ao mal, especialmente quando este está sendo expresso por aqueles que abusam do poder de governo de uma maneira contrária à lei superior de Deus. Os passos bíblicos para resistência são os seguintes:

1. **Protesto ou ação legal**

Nossa primeira maneira de recorrer deve ser protestando pacificamente e/ou tomando todas as ações legais possíveis. Jesus instruiu Seus discípulos a protestar publicamente se as autoridades da cidade lhes negassem o direito inalienável de pregar, ou seja, o discurso religioso.

No capítulo 10, Jesus disse a seus discípulos que quando encontrassem abuso de poder do governo: "...saiam pelas ruas, dizendo: 'Até o pó desta cidade, que grudou nos nossos pés, sacudimos contra vocês!'" (Lc 10:10-11) Aqui, Jesus está falando especificamente sobre as autoridades da cidade que estão usando sua posição para restringir erroneamente as liberdades dadas por Deus (especificamente para pregar). É importante

distinguir isso de outras situações ou tipos de perseguição particular individual. Aceitação silenciosa não é o que Deus pede de nós nessa situação; é necessário um protesto público.

Ir às ruas e levantar a voz é um protesto pacífico de alto nível. “Sacudir o pó” na rua não era um ritual profético estranho, mas uma tática muito prática. O equivalente a isso, hoje, é o que chamamos de boicote ou retirada de toda interação com a cidade. É resistência pela não cooperação. Essa ação e a pressão econômica que talvez tenha se seguido foram destinadas a acordar as autoridades para reconsiderar suas ações injustas. Um exemplo disso foi quando Paulo e Barnabé foram expulsos de Antioquia pelas autoridades da cidade e “Estes, sacudiram contra eles o pó dos pés...” (At 13:51), como Jesus lhes havia instruído (Lc 10:10-11).

Em Atos 16, Paulo e Silas foram ilegalmente jogados na prisão. Quando os principais magistrados tentaram encobrir isso, Paulo, reconhecendo suas liberdades civis como uma causa sagrada, exigiu a restituição. Paulo lhes disse: “Sem ter havido processo formal contra nós, nos açoitaram publicamente e nos jogaram na cadeia, sendo nós cidadãos romanos. Querem agora nos mandar embora sem maior alarde? Nada disso! Pelo contrário, que eles venham e, pessoalmente, nos ponham em liberdade.” (Atos 16:37). Em outras palavras, Paulo estava dizendo que os oficiais tinham que admitir que haviam violado os direitos

das pessoas a um julgamento justo. Ele se arriscou dizendo firmemente “Não!” às autoridades. Ele sabia que havia uma chance de piorar as coisas para ele e até resultar no fim de sua liberdade, mas ele sabia o que Cristo havia ordenado e, nesse caso, em resposta ao protesto de Paulo, os principais magistrados aparentemente finalmente chegaram e fizeram o que era certo.

O exemplo de Paulo é importante para os cristãos se lembrarem. Não é apenas a pregação que transforma nações, mas às vezes também o protesto. Hoje em dia, os cristãos às vezes pensam que o protesto pode prejudicar seu testemunho de Cristo caso as pessoas não mais os vejam como pessoas boas e amorosas. Mas defender firmemente a causa da justiça mantendo um comportamento pacífico e respeitoso pode ser muito atraente para o mundo. Protestar contra ações ilegais é uma ideia cristã. Sempre que os crentes descobrem a palavra bíblica “Não” e aprendem a dizê-la com a unção do Espírito Santo, eles mudam a história das nações. Aqui estão alguns exemplos no início da história cristã.

Protesto e resistência

no início do cristianismo:

• 51 – Paulo protesta contra a injustiça em Filipos (At 16:6-10; 35-39)

• 320 – Licínio, o imperador oriental, começou a perseguir os cristãos novamente. Foi quando vários bispos e quarenta soldados romanos

morreram ao se recusaram renunciar sua fé.

• Cer.350 – Basílio de Cesareia ajudou a organizar protestos públicos contra o aborto.

• Cer.355 – Ósio, bispo de Córdoba, Espanha repreende o imperador Constâncio II por se intrometer nos assuntos da igreja e violar a declaração de Jesus sobre as jurisdições separadas de Deus e César

• 390 – O bispo Ambrósio de Milão (340-397) excomunga o imperador Teodósio pelo massacre de 7000 pessoas em Tessalônica. Afirma que a lei é superior a qualquer homem.

• 404 – O protesto e martírio de Telêmaco, no coliseu romano, resultam no edito do imperador Honório de banir as lutas de gladiadores no Oeste, assim como Teodósio I fez no Leste.

• 419 – Uma zona de proteção se estendia a cinquenta passos da igreja. Padres foram autorizados a entrar nas prisões e visitar prisioneiros. Eles advogavam perante os juízes em nome dos prisioneiros.

• 432 – Patrício, na Irlanda, em sua Carta a Coroticus, é o primeiro a protestar contra o tráfico de escravos.

• 603 – Missionário irlandês Columbano (543-615) reprovou o rei franco Teodorico por imoralidade e foi, então, refugiado pelo rei de Soissons.

Os cristãos protestantes de hoje esqueceram o porquê de assim serem chamados. A Reforma da

Europa do século XVI foi um grande despertar espiritual, mas não teria tido um impacto tão dramático se eles simplesmente tivessem realizado seus estudos bíblicos e cultos separados e ficassem somente nisso. Porém eles deram um passo adiante e seguiram o exemplo de Martinho Lutero, que protestou contra as atividades e autoridades ímpias (civis e eclesiásticas) na Europa do século XVI. Outros fizeram o mesmo. O pregador presbiteriano John Knox repreendeu corajosamente a rainha Mary da Escócia por seu governo perverso. O reformador francês Filipe de Mornay, na França, pediu aos fiéis que resistissem ao governo francês que estava prendendo e matando protestantes lá. Ele escreveu extensivamente sobre as três etapas identificadas neste capítulo. No início da América, Samuel Davies, que era pastor da Virgínia e Presidente de Princeton, foi à Inglaterra e pregou num culto em que estavam o rei George II e outros membros de sua corte. Durante o sermão, o rei falou várias vezes com aqueles ao seu redor e sorriu. Davies parou um momento e, depois, olhando severamente para o rei, exclamou: “Quando o leão ruge, todos os animais da floresta tremem; e quando o rei Jesus falar, os príncipes da terra devem manter o silêncio”. O rei ficou em silêncio durante o resto do sermão.

A Bíblia nos dá exemplos de maneiras de protestar:

1. Apelos privados (1Sm. 19:1-5; Et 3:11-14; 4:13-16;

7:5,6,10; 1Re. 12:1-15).

2. Não cooperação, boicote. Jesus protestou, permanecendo calado diante de Pilatos e recusando-se a cooperar (Mt 27:14).

3. Litígio (Lc 12:58; 18:1-5; At 21-26). Paulo apelou a César dentro do sistema judiciário romano em At 24-26 quando seus direitos civis foram violados. Todo o curso de sua vida foi alterado devido ao exercício de seus direitos como cidadão. A última seção do Livro de Atos narra o envolvimento de Paulo com o sistema judiciário que ele poderia ter evitado simplesmente se tivesse desistido de apelar. Esses últimos sete capítulos quase não têm pregações, conversões, curas e reuniões na igreja. Alguém poderia pensar que isso foi um desperdício do tempo valioso de Paulo quando ele poderia estar fazendo outra atividade ministerial, mas ele entendeu que a justiça andava de mãos dadas com a mensagem do Reino de Deus.

4. Comícios, marchas, manifestações publicamente visíveis (Lc 10:10,11; Isa. 20; Jer. 13; Ezequiel 3,4,24,33; 1Re. 18:19-21; Mt 3:1-4) Jesus censurou publicamente Herodes por suas ameaças de morte (Lc 13:31-32).

5. Bloqueio de acesso; intervenção não violenta (Mc 11:15,16).

6. Desobedecendo leis injustas (At 5:29; 4:19,20; Dn 6:10; 2:49; 3: 4,5,16-18; Ex 1:15-17; 2: 2,3; Et 4:10-16; 3:1-4,6-11; Ed 4:17,21-24; 5:1-3; Ag 2:1,2,4-9; 1:12-

14).

As nações livres do mundo geralmente têm mais meios de recorrer legalmente e de protestar contra ações ímpias do que as outras. Exemplos de protestos incluem piquetes em frente a clínicas de aborto, boicotar lojas que vendem pornografia e remover nossos filhos de escolas públicas que negam a Deus. Nós que vivemos em nações livres não apenas temos o direito de fazer isso, mas somos obrigados diante de Deus a fazê-lo.

2. **Fuga/emigração**

Quando todas as vias de protesto ou ação legal estiverem esgotadas, a fuga, se possível, é a próxima medida apropriada a ser tomada. Voltando às instruções em Mateus 10 e Lucas 10, vemos o próximo passo quando Jesus disse aos discípulos que "quando, porém, perseguirem vocês numa cidade, fujam para outra" (Mt 10:17,18,23). Novamente, a palavra-chave nesta passagem é "cidade". Esta segunda instrução surge no contexto de Jesus avisando seus discípulos a respeito de autoridades do governo que tentavam impedir a pregação. Portanto, aqui não se trata de perseguição por indivíduos, mas pelas autoridades da cidade.

Jesus também os advertiu a fugir da destruição que viria sobre Jerusalém (Mt. 24:15-18). Procurar um refúgio ou santuário seguro para se esconder pode ser considerado uma forma de fuga. A igreja primitiva deixou a área quando a perseguição

subiu a um nível alto e com risco de vida contra eles (At 8:1-4). Às vezes, mudar para outros lugares nos permitirá obedecer à vontade de Deus de acordo com o que a consciência de cada pessoa dita.

Existem muitos exemplos no Antigo Testamento de resistência através da fuga. 1Rs 12:16 cita um exemplo: "Quando todo o Israel viu que o rei não lhe dava ouvidos, reagiu, dizendo... Às suas tendas, ó Israel". Foi assim que eles venceram o governo injusto do rei Roboão. Ele não os perseguiu na guerra e o efeito foi uma divisão pacífica da nação. Os cristãos têm empregado esse segundo passo de resistência justa muitas vezes nos últimos dois mil anos. Os protestantes na Inglaterra fugiram para Genebra em busca de refúgio contra a perseguição de "Maria Sanguinária" no século XVI. Muitas pessoas que vieram se estabelecer nos Estados Unidos, como os peregrinos da Grã-Bretanha, ou em outros países, como os huguenotes franceses na África do Sul, estavam fugindo da tirania civil e religiosa. Depois de esgotar todos os meios de protesto pacífico e ação legal, eles viram que a fuga era o melhor meio de realizar o propósito de Deus. Este princípio é a base do inalienável direito humano da emigração reconhecido pela maioria das nações modernas hoje em dia.

3. **Força autorizada em legítima defesa**

O último recurso bíblico legítimo para resistir à tirania é a força autorizada. O Antigo Testamento contém muitos exemplos do povo de Deus usando

a força para se defender. Muitos deles foram diretamente ordenados por Deus (ou seja, por Jesus, fazendo parte da Trindade). Um dos casos é encontrado no livro de Ester, quando a trama de Hamã foi exposta. As regras pagãs da monarquia persa significavam que nem o rei poderia revogar sua ordem de matar os judeus em um determinado dia; portanto, após o apelo bem-sucedido de Ester e Mordecai, o rei autorizou os judeus a pegar em armas para se defenderem naquele dia (Et 8:11). Eles sobreviveram devido a essa resistência armada. Mais tarde, Neemias ordenou que cada judeu portasse armas durante a reconstrução dos muros de Jerusalém, e isso lhes permitiu sobreviver e ter paz demonstrando força (Ne 4:13,14).

Às vezes, os cristãos sinceros pensam que Jesus mudou tudo isso. Já mencionamos como as pessoas interpretam mal Suas palavras sobre dar a outra face. Uma interpretação semelhantemente equivocada é feita a respeito de Sua declaração ao oficial civil romano Pôncio Pilatos em Jo 18:36: “Ao que lhe afirmou Jesus: “O meu Reino não é deste mundo. Se o meu Reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas agora o meu Reino não é daqui.” A última parte do versículo diz claramente que Jesus estava explicando a Pilatos que a fonte de Seu reino não era do esforço ou autoridade humana, mas de cima. É por isso que Ele não precisava lutar nessa

situação – Ele estava realizando algo maior do que um governo humano. Ele estava estabelecendo o Reino de Deus através de Sua morte na cruz. Contudo, ao fazer essa afirmação, Jesus não estava negando que os humanos tivessem o direito legítimo de lutar quando necessário. De fato, Ele disse que eles lutariam, se a liberdade civil fosse o Seu objetivo naquele momento. A missão da cruz, porém, impedia essa ação naquele momento.

E se houvesse um tempo, no entanto, em que os humanos precisassem enfrentar as injustiças e tiranias humanas? Jesus na verdade abordou essa situação. Na conclusão da Última Ceia, em Lucas 22, Jesus continuou Suas instruções aos setenta discípulos, as quais Ele havia iniciado anteriormente em Mateus 10 e Lucas 10. Lembre-se anteriormente de que Ele havia dito: “Eis que eu os envio como cordeiros para o meio de lobos.

“Não levem bolsa, nem sacola, nem sandálias...” (Lc 10:3,4) Essa frase é crucial porque, no último momento antes de Jesus ser preso no jardim do Getsêmani, ele mencionou esse ensinamento anterior. E ele lhes disse: “Quando eu os enviei sem bolsa, sem sacola e sem sandálias, por acaso faltou-lhes alguma coisa?” Eles responderam:

— Não faltou nada!

Então Jesus lhes disse:

— Agora, porém, quem tem bolsa, pegue-a, e faça o mesmo com a sacola; e o que não tem espada, venda a sua capa e compre uma, pois eu lhes digo

que é preciso que se cumpra em mim o que está escrito: “Ele foi contado com os malfeitores. “Pois o que a mim se refere está sendo cumprido.

Então lhe disseram:

— Senhor, aqui estão duas espadas!

Jesus lhes respondeu:

— Basta! (Lc 22:35-38) O link para as instruções anteriores, que já vimos, é crucial para interpretar adequadamente os ensinamentos de Jesus em Lucas 22. As instruções anteriores incluíam um aviso de que o governo tentaria injustamente interromper sua pregação e Jesus lhes disse para responder primeiro com protesto e, depois, com fuga, caso o protesto não mudasse a situação. Em Lc 22:36, Ele diz: “e o que não tem espada, venda a sua capa e compre uma.” Este foi o terceiro passo da resistência justa. A espada era a arma comum da época, como hoje é a arma de fogo. Por meio dessa referência à espada, Jesus estava confirmando a legitimidade do uso da força em certos momentos ao enfrentar governos tirânicos. Seus discípulos providenciaram duas espadas imediatamente, o que parece indicar que alguns discípulos já estavam pensando em lutar. Esta é provavelmente a razão pela qual este terceiro passo de resistência foi adiado por Jesus até este último momento. Os seres humanos, sendo pecadores, provavelmente ficarão impacientes ao dar os dois primeiros passos. Alguns de nós estão muito inclinados a lutar quando ainda não se

justifica. Então Jesus esperou até o último momento possível para ensinar algo que pode ser muito mal compreendido e facilmente abusado. Era um ensinamento apenas para os maduros, mas ainda assim precisava ser dito antes que Jesus terminasse Sua obra terrena e concluísse o corpo de Seus importantes ensinamentos que deveriam ser transmitidos a outras pessoas.

É importante notar que quando Jesus lhes disse para obter espadas, ele as aprovou, mas também mencionou que, embora tivesse justa causa para convocar aos anjos para lutar por Ele (Mt 26:53), não faria isso, "é preciso que se cumpra em mim o que está escrito." (Lc 22:37) Em outras palavras, embora haja um tempo legítimo para lutar defesa própria, nesse caso em particular, Ele não faria isso por causa da Sua missão de ir e morrer na cruz. Contudo o ponto ficou claro para Seus discípulos: é correto possuir armas e lutar em algumas situações.

O problema foi que Pedro não entendeu bem a exceção especial que Jesus tentou indicar. Tudo o que Pedro ouviu foi o argumento da legitimidade da força em autodefesa. Portanto, quando Jesus e Seus discípulos foram confrontados por soldados armados no Jardim do Getsêmani, Pedro concluiu que esse era o momento de usar as espadas que Jesus acabara de lhes pedir para obter. Lc 22:49 diz que "os que estavam ao redor de Jesus, vendo o que estava por acontecer, perguntaram:

— Senhor, devemos atacar com as espadas?"

Infelizmente, Pedro, que tinha a tendência de agir antes de pensar, partiu para o ataque antes que Jesus pudesse responder à pergunta e esclarecer com mais detalhes as condições para o uso da força. Mt 26:51 descreve o que aconteceu: “E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, sacou da espada e, golpeando o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe a orelha.”

Depois que Jesus curou a orelha do servo para impedir que Pedro enfrentasse acusações, Mt 26:52 continua dizendo: “Então Jesus lhe disse:

— Coloque a espada de volta no seu lugar, pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão.”

Esse versículo, se retirado do contexto, pode soar como se Jesus fosse contra todo uso da força. Mas vamos examiná-lo cuidadosamente. Ele ordenou a Pedro que enfiasse a espada na bainha e deu duas razões para isso. A primeira, a respeito de Si mesmo, é que Ele não faria oposição. Ele disse: “Por acaso não beberei o cálice que o Pai me deu?” (Jo 18:11) A segunda, relacionada a Pedro, a saber, que aqueles que pegam a espada, perecerão pela espada (Mt 26:52); sem dúvida, significa que aqueles que pegam e usam uma espada, como Pedro acabara de fazer, sem autoridade legal e contra a autoridade legal, incorrem na penalidade e no risco de perecer pelo uso legal da espada.

John Jay, o primeiro juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos e autor dos Artigos Federalistas, era

Cristão. Ele comentou as palavras de Cristo sobre a morte pela espada, dizendo: “Se entendidas em sua latitude ilimitada, elas contradiriam a experiência e o testemunho de todas as épocas, visto que é manifesto que muitos militares morrem pacificamente em suas camas”. Em outras palavras, Cristo não estava condenando todo uso de força, mas apenas o uso ilegal. Ele ensinou que existem duas espadas – duas maneiras de usar a força – um caminho certo e um caminho errado. Ele não estava dizendo que toda força está errada e será julgada por Deus. Ele estava dizendo que o uso incorreto da força deveria ser julgado por humanos fazendo o uso legítimo da força. Nessa situação, Pedro, em sua impaciência, tornou-se o agressor, em vez de permanecer na postura de autodefesa. A Bíblia também afirma claramente que a autoridade e a responsabilidade de usar a espada para punir o mal ou proteger os justos (seja de dentro de uma nação ou da agressão de um inimigo externo) residem no governo civil (Rm. 13:4 “...porque não é sem motivo que a autoridade traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar quem pratica o mal”). Somente o governo recebeu o direito de Deus para punir o comportamento criminoso. Deve-se notar que isso não nos nega o direito bíblico do uso da força para proteger a nós mesmos e a nossa família de danos pessoais. Qualquer pessoa é considerada automaticamente autorizada a se defender se um intruso invadir sua casa (Ex 22:2). De qualquer forma, seria necessário um julgamento para

examinar se a morte do invasor foi realmente justificada, mas a presumida pré-autorização, já existia. Se o governo autorizar um cidadão a usar a força em outros casos, como em tempos de guerra ou quando a polícia precisar de mais pessoas, então uma pessoa poderá usar a espada (ou qualquer outro tipo de arma) legitimamente. Ninguém pode pegar a espada contra criminosos aleatórios sem a autorização de alguém no governo. A falta de autorização é vigilantismo. A frase "por qualquer meio necessário" sugere um uso ilegal da força que é apropriadamente denominado violência. Força legal não é violência. Ninguém no trabalho policial, em tempo de guerra ou em defesa de sua própria casa, precisa sentir que o assassinato de outra pessoa está errado. É uma coisa terrível, mas em um mundo caído e pecaminoso, não é um pecado. É algo que Deus ordenou desde os dias de Noé (Gn 9:6), a fim de proteger os inocentes dos culpados.

Essa designação de autoridade, no entanto, significa que sempre que chegarmos ao ponto em que a força é necessária para resistir à tirania em nosso próprio governo, precisamos encontrar alguns oficiais governantes legítimos que concordem com nossa posição e nos autorizem. Em termos práticos, um oficial inferior do governo deve ser convencido a ignorar ou neutralizar a autoridade de outro oficial ou de um oficial superior e a declarar que os cidadãos não precisam se submeter, podendo inclusive até se armar e

lutar contra seu próprio governo, se necessário. Foi o que aconteceu com os judeus na história de Ester mencionada anteriormente. Usar força contra o governo sem autorização pública (não secreta) é simplesmente rebelião e anarquia. Se os cristãos não podem convencer um oficial legítimo do governo a tomar uma posição e autorizá-los, então eles não têm outro recurso senão fugir ou sofrer como os primeiros cristãos fizeram tantas vezes no Império Romano. Eles eram muitas vezes jogados aos leões e morriam às dezenas de milhares até finalmente influenciarem a cultura o suficiente para que as autoridades estivessem do lado deles. Por exemplo, em 320 d.C., houve quarenta soldados romanos que se recusaram a obedecer a uma ordem tirânica. Os oficiais começaram a ficar do lado dos cristãos e o martírio começou a cessar no Império Romano. Essa necessidade de autorização oficial é chamada de teoria da interposição, que foi afirmada por Manegold em 1080 e novamente na Reforma Protestante do século XVI. Um dos melhores tratados sobre o uso da força foi escrito pelos protestantes franceses (ou huguenotes) em 1579, intitulado A Defense of Liberty Against Tyrants (Uma Defesa da Liberdade Contra os Tiranos). Isso aconteceu porque o monarca católico francês estava brutalmente aprisionando e matando dezenas de milhares de protestantes em agosto de 1572. Na mesma época, os protestantes holandeses sentiram a mesma ameaça de seu governante espanhol católico e lutaram por sua liberdade. 200 anos depois, na

Revolução Americana, os colonos cristãos fizeram o mesmo contra o rei George da Grã-Bretanha. Os cristãos devem seguir os três passos acima de protesto, fuga e força autorizada. E somente quando os dois primeiros passos estão completamente esgotados, o terceiro pode ser tentado. Mas mesmo assim, os cristãos devem ser autorizados a verdadeiramente realizar uma resistência justa contra a tirania. Se eles não seguirem essas etapas em ordem, Deus não os abençoará e eles trarão danos indevidos a si mesmos, aos outros e à causa de Deus. Também deve ser declarado solenemente que mesmo aqueles que seguem os princípios de Deus para resistir a uma lei ímpia ou governante tirano devem estar preparados para pagar o preço por tal ação. Às vezes, a mudança leva mais tempo e devemos reconhecer que uma mudança permanente saudável ocorrerá gradualmente à medida que mais pessoas forem transformadas de dentro para fora. Pode ser que alguns terão que sofrer sob a tirania enquanto essa mudança ocorre gradualmente na cultura.

Qual é então o significado da Separação entre Igreja e Estado?

Às vezes, a igreja foi além do discipulado cultural e tentou reivindicar poderes governamentais como instituição (uma verdade especialmente na Europa

na Idade Média). Algumas nações equivocadas criaram um estado eclesiástico onde o governo civil ditava como e onde se deveria crer e adorar. Este não é o modelo bíblico. Uma nação cristã é aquela que é estabelecida sobre princípios cristãos, que honra a Deus e obedece a sua lei. Para ser uma nação cristã, não é necessário que o governo force todos a acreditar e frequentar igreja. Essa foi uma visão equivocada da igreja na Idade Média da Europa. Uma separação clara dos papéis da igreja e do estado deve existir, mas não uma separação entre Deus e o governo. A ideia de separação foi proposta pela primeira vez por Jesus em Mt 22:17-21. Muitos reis da antiguidade haviam reivindicado autoridade sobre assuntos religiosos, mas Jesus propôs o conceito revolucionário de que a religião está sob a autoridade de Deus e da igreja somente. Jesus professou o princípio da liberdade religiosa ou liberdade de consciência. Mesmo no Israel do Antigo Testamento, existia uma divisão entre as funções religiosas e governamentais. Os sacerdotes não eram reis e os reis não eram sacerdotes. Mesmo se alguém chamava Israel de teocracia, deve-se entender que isso significava apenas que a lei de Deus era a base de sua constituição, não que o sacerdócio fizesse as leis e executasse as funções do governo. As funções do governo eram separadas das funções religiosas, e Deus julgava severamente se uma tentasse usurpar a outra. Um exemplo foi o rei Saul, que foi severamente punido quando tentou usurpar a função do sacerdócio, oferecendo sacrifícios – sua linhagem foi cortada do reinado de

Israel para sempre (1Sm. 13). Outro foi o rei Uzias, que tentou queimar incenso no altar sagrado – Deus o feriu com lepra, e ele permaneceu leproso pelo resto da vida (2Cr 26:16-21).

Quando o imperador romano Constantino se converteu ao cristianismo por volta de 312 d.C., ele seguiu imprudentemente o antigo modelo romano, reivindicando autoridade sobre assuntos religiosos, e fez do cristianismo a religião oficial do Estado do Império Romano. Esse estabelecimento eclesiástico trouxe grandes problemas e perseguição à Europa nos séculos subsequentes e eventualmente levou os pais fundadores dos Estados Unidos a fugirem da Europa para a América, a fim de praticarem suas preferências religiosas sem uma religião nacional estatal. Depois que os Estados Unidos conquistaram sua independência, gradualmente foi alcançada uma desestabilização de denominações preferenciais nos vários estados, e a liberdade religiosa foi garantida em nível nacional pela aprovação da Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos, a qual afirma: "O Congresso não fará qualquer lei a respeito de um estabelecimento de religião ou proibindo seu livre exercício." Isso não significa, como muitas vezes é erroneamente interpretado, que o governo civil da América seja indiferente (e frequentemente hostil) ao cristianismo e à religião em geral; significa simplesmente que um setor do cristianismo não pode ser favorecido pelo governo como uma

religião oficial nacional à qual todos são obrigados a apoiar.

Este é o modelo bíblico. Nenhuma igreja, católica ou protestante, deveria ter um status favorecido no governo de uma nação. Mas o paganismo e o secularismo também não deveriam ter um status favorecido que mantém as pessoas religiosas fora do cargo público. A perversão moderna do ensino de Cristo sobre a separação de igreja e estado é promovida em muitas nações, resultando na perseguição de muitos que desejam exercer sua liberdade de consciência.

Embora a separação das funções da igreja e do estado seja boa, isso não significa que os pastores, como cidadãos individuais, devam ficar fora da política. Os clérigos do Antigo Testamento que se tornaram politicamente ativos foram Samuel, Jeremias, Ezequiel, Zacarias e Esdras. Os profetas da Bíblia eram simplesmente estadistas e reformadores sociais – líderes de movimentos políticos na história. Muitos dos líderes de Deus realmente tinham um cargo público (por exemplo, José, Daniel, Ester e Mordecai, Moisés, Samuel e Erasto (ver At 19:22; 2Tm. 4:20; Rm. 16:23).

Mesmo com muitos cristãos no governo e na política, todavia, nunca haverá um governo perfeito até que Cristo volte. Os homens sempre terão ocasiões para cair em tentação e corromper seus cargos, e quando isso acontece, os cidadãos piedosos não precisam se submeter a tal condição. Eles podem corrigi-lo, primeiro elegendo novos

líderes mais honestos. Mas se a corrupção estiver tão difundida a ponto de se tornar uma tirania, eles também não precisam aceitar isso. Deus lhes dá o direito e até o dever de responder em resistência justa usando protestos pacíficos, fuga e, como último recurso, força autorizada em legítima defesa. É assim que Jesus diz que espera que peguemos as "serpentes" em nossas nações. Todos sabemos onde a maioria das serpentes está: na política! Que Deus nos dê mais pessoas como Moisés que estenderão as mãos e "pegarão" essas serpentes e libertarão as nações onde vivem.

***

Recursos sobre oposição à injustiça e à tirania por protesto, fuga e força autorizada em legítima defesa.

• *A The doctrine of the Lesser Magistrates (A doutrina de Magistrados Menores),* por Matt Tewhella

• *Defendig the Declaration (Defendendo a Declaração),* por Gary Amos

• *Manifesto Cristão,* por Francis Schaeffer

• *A Theology of Christian Resistance (Teologia da Resistência Cristã),* editado por Gary North

• *Vindiciae Contra Tyrannos (O Direito de Resistir),* por Junius Brutus

• *When God says War is Right (Quando Deus diz que é Certo Guerrear),* por Darrell Cole

Resumo

Plano de Ação

Estratégico

Ensinando tudo que eu ordenei

Deus advertiu Israel sobre o perigo da apostasia a partir do momento que entrassem na terra prometida e ali começassem a desfrutar de prosperidade e paz. Como esperado, apenas alguns séculos depois, surgiu em Israel uma geração infiel a Deus e às tradições de seus pais. O mesmo aconteceu com muitas nações que já foram cristãs. Muitas nações que começaram com uma forte cosmovisão bíblica e instituições piedosas repetiram a loucura de Israel. Elas começaram a negligenciar os princípios e práticas que produziram sua liberdade. Elas perderam sua virtude e autogoverno, tornando-se, assim, vítimas de males internos mais

perigosos do que quaisquer inimigos externos que já enfrentaram. Quando as pessoas perdem suas virtudes, prontamente abrem mão de suas liberdades; mas quando a moralidade bíblica e a cosmovisão permanecem fortes entre os cidadãos, eles jamais serão escravizados.

Jesus ensinou que o "joio" (isto é, ervas daninhas destrutivas que se parecem com o trigo) é semeado quando a igreja está "adormecida", ou seja, negligenciando seu papel na sociedade (Mt 13:24 e Pv 24:30-34). Se os problemas de uma nação fossem o resultado de alguma conspiração de inimigos poderosos, a solução estaria além do

alcance da maioria de nós. Fatalismo, apatia e desespero seriam compreensíveis, mas eles não teriam sucesso se nós não abandonássemos o nosso posto. Visto que Deus diz que o verdadeiro problema é a nossa negligência, então a solução também está ao nosso alcance. Se aceitarmos nossa responsabilidade e cumprirmos nosso dever, haverá motivos para termos esperança.

Somente quando identificamos e diagnosticamos corretamente a verdadeira causa dos problemas de uma nação é que podemos começar a resolvê-los. Os cristãos de hoje têm a tendência de colocar a culpa sobre várias conspirações humanas: os humanistas, a UALC (União Americana pelas Liberdades Civis), os grandes banqueiros, a Comissão Trilateral, o Movimento Nova Era, o Conselho Mundial de Igrejas, os homossexuais, as feministas, os comunistas, o Papa, a mídia, etc. Considerar esses grupos como a fonte de nossos problemas nos faz ignorar o real problema. Is 8:12,13 diz: "Não chamem conspiração a tudo o que este povo chama conspiração. Não temam aquilo que o povo teme, nem fiquem apavorados. Ao Senhor dos Exércitos, a Ele vocês devem santificar. É a Ele que devem temer; é Dele que devem ter pavor."

Muitos cristãos hoje olham para o estado de suas nações e se sentem desesperados. Em sua desesperança, eles começam a temer partidos políticos, grupos não cristãos ou líderes tirânicos mais do que temem a Deus. Essa atitude diminui

nossa visão da verdade de que Deus é Soberano sobre a terra; que Ele olha para as conspirações humanas e ri delas, pois sabe que o que Ele planejou prevalecerá. Essa também deve ser nossa perspectiva em relação aos males em nossas nações. Israel via desesperança em seu julgamento iminente, destruição e o fim de seus sonhos, enquanto Deus via um Salvador chegando. O Salmo 2 diz:

> *"Por que se enfurecem as nações e os povos imaginam coisas vãs? Os reis da terra se levantam, e as autoridades conspiram contra o Senhor e contra o seu Ungido, dizendo: "Vamos romper os seus laços e sacudir de nós as suas algemas." Aquele que habita nos céus dá risada; o Senhor zomba deles. Na sua ira, a seu tempo, lhes falará e no seu furor os deixará apavorados, dizendo: "Eu constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião." O rei diz: "Proclamarei o decreto do Senhor. Ele me disse: 'Você é meu Filho, hoje*

eu gerei você. Peça, e eu lhe darei as nações por herança e as extremidades da terra por sua possessão... Agora, pois, ó reis, sejam prudentes; deixem-se advertir, juízes da terra. Sirvam o Senhor com temor e alegrem-se nele com tremor. Beijem o Filho para que não se irrite, e não pereçam no caminho... "

Esta profecia descreve a primeira vinda de Cristo, sua morte, sua ressurreição e sua autoridade absoluta para reinar. Antes de sua ascensão, Jesus delegou esta mesma responsabilidade e autoridade à Sua igreja dizendo: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Portanto,

vãoe façam discípulos de todas as nações...”

Para os pastores, Jesus deixa claro qual deve ser o principal meio de cumprir a grande comissão – a educação. A principal tarefa dos pastores, de acordo com Ef 4:12, é equipar os santos para a obra do ministério. Eles não precisam se envolver pessoalmente com política, mídia, escolas, medicina e reconciliação, mas equipar sua congregação para fazê-lo adequadamente. Quando a liderança de uma igreja está fielmente “ensinando-os a guardar todas as coisas que tenho ordenado a vocês”, então a transformação de uma nação é possível.

Na prática, uma igreja deve expandir seus sermões de domingo e programas de discipulado para além do foco exclusivo em salvação individual, piedade pessoal e vitória na vida. Muitas igrejas incluem nas classes bíblicas e no currículo dos pequenos grupos um enfoque na família; algumas igrejas ensinam sobre trabalho e negócios; mas o currículo da igreja precisa incluir todas as outras seis áreas-chaves de influência na cultura – família, negócios, educação, mídia, saúde e governo.

A igreja deve treinar as pessoas em uma cosmovisão bíblica para serem capazes de viver efetivamente os princípios de Deus em cada uma das áreas da sociedade. Esta é a visão da Grande Comissão de Cristo – *vão* e discipulem *todas as partes de cada nação!* Ao fazermos isso, podemos medir nosso progresso no cumprimento da Grande Comissão na passagem paralela encontrada em

Marcos 16, onde Jesus acrescentou “sinais” que seguiriam esta missão: expulsar demônios, falar em novas línguas, pegar em serpentes, beber coisas mortais, e impor as mãos sobre os enfermos.

Em vez de medir nosso sucesso pelo tamanho de nossas multidões e de nossos edifícios, devemos nos perguntar se estamos manifestando os “sinais” que Jesus mencionou na Grande Comissão. Será que estamos formando pessoas que lidam efetivamente com os po



deres demoníacos na cultura? Será que os membros da igreja estão curando a cultura, comunicando-se com ela e confrontando sua liderança corrupta?

Expulsando os demônios da nação

Na primeira seção, abordamos as três melhores práticas fundamentais que ajudam os cristãos a lidar com o pecado cultural e a opressão espiritual e ajudam a comunidade a "expulsar seus demônios":

- Oração Unificada voltada para a cidade e baseada em pesquisa;
- Evangelismo apostólico estratégico voltado para fora e para servir;
- Pastores fornecendo treinamento de cosmovisão e mobilizando cristãos em estratégia coordenada das sete esferas

A igreja recebeu autoridade para moldar a história. Se nossa nação está em péssimas condições, Deus nos considera os responsáveis. Em

2Cr 7:14 Ele diz: “se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar, me buscar e se converter dos seus maus caminhos, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra.”

O primeiro passo é a humilhação e a oração. A oração precisa ser muito enfatizada neste processo. Movimentos de oração de hoje em nossa nação, casas de oração 24/7 e marchas de oração são todos essenciais para unir a igreja em intercessão pela nação. As igrejas devem iniciar reuniões de oração que se concentrem na nação em vez de em si mesmas. As igrejas devem se unir a outros cristãos e igrejas em eventos de oração. Uma igreja unida pode orar e proclamar profeticamente as características positivas do Reino, a fim de que se tornem vivas nos corações de todas as pessoas e líderes da sociedade.

A oração, no entanto, por si só não é suficiente. As orações devem ser acompanhadas por uma estratégia de formação de líderes para a nação. O declínio de uma nação não ocorre porque várias organizações seculares superam as ideias bíblicas, mas sim quando a igreja abdica de sua responsabilidade de liderar e deixa um vácuo na esfera pública, rendendo-se por omissão. Não importa quantos líderes cristãos haja na sociedade, deve haver uma estratégia unificada para ver a transformação na rede. Isso requer um tipo de trabalho em equipe para alcançar planos e metas de longo prazo que trarão transformação e líderes

que estão preocupados apenas em Deus receber a glória.

As igrejas devem enfatizar a importância de ensinar a Bíblia para todas as áreas da vida a fim de desenvolver, apoiar e enviar pessoas com uma compreensão da importância de uma abordagem missional para a mudança cultural. Isso inclui o retorno dos seminários a uma compreensão clara da liderança pastoral, capacitando os pastores a entenderem como exercer os cinco ministérios nas nações.

Finalmente, as igrejas devem fazer mais do que apenas ensinar e treinar. Elas devem enviar esses líderes para suas áreas de influência. Juntos, pastores e líderes empresariais devem traçar estratégias para criar novas iniciativas e serviços contínuos para o treinamento avançado de profissionais em suas esferas de influência.

Falando as novas línguas da nação

Existem três estratégias fundamentais que os cristãos podem adotar para lidar com a ignorância e o erro da comunidade e que ajudam a comunidade a “falar em novas línguas”:

- Pais e professores fornecendo educação para crianças em casa ou na igreja;
- Restauração das universidades à cosmovisão bíblica e organização de outros treinamentos

profissionais nas sete esferas;

- Fazer com que Artes e Mídia incluam uma cosmovisão bíblica da cultura e dos assuntos nacionais (não apenas a salvação).

Deus fez com que as nações "falassem novas línguas" em Babel a fim de impedir a centralização do poder e a escravidão das pessoas sob Ninrode. Jesus também disse aos Seus seguidores que se tivessem sucesso em discipular as nações, eles as veriam "falando novas línguas". É claro que Sua missão implicava em uma batalha pela alma e mente das pessoas em suas cidades e países.

Os cristãos devem conquistar a atenção da cultura, envolvendo-se na educação e na comunicação com o mais alto nível de excelência profissional. Quando os cristãos ocupam cargos em Harvard ou Hollywood, eles ganham a atenção do público com uma "língua" que une as pessoas. Falando a linguagem de Deus acerca da liberdade enraizada na Bíblia, eles capacitam pessoas boas a libertar sua nação, rejeitando instituições imorais e estatistas e homens cuja cosmovisão e moral levam à escravidão espiritual e cultural.

Treinar pais, professores, artistas e jornalistas para "falar uma nova língua" transformará uma nação. Primeiramente, as igrejas devem enfatizar o papel dos pais na educação e desenvolver planos para treinar e complementar aqueles que desejam educar seus filhos em casa, além de fornecer outras opções de escolas cristãs. A igreja deve ser

persistente nesta verdade a fim de superar o status quo. Os pais e avós devem começar a traçar estratégias para criar a renda necessária para sustentar as famílias e ainda ensinar seus filhos em casa. Os cristãos podem formar ou ingressar em organizações cooperativas que treinam, equipam e conectam pais que optaram pelo ensino em casa. Devem fazer isso não apenas em uma igreja, mas na comunidade em geral. Trabalhando com pastores e líderes de negócios, os pais podem encontrar maneiras de complementar o papel de outros pais que praticam a educação dos

filhos em casa, semelhante ao que faziam os levitas em Israel. Pastores e líderes empresariais também devem trabalhar juntos para criar novas escolas cristãs de ensino fundamental que possam atender a comunidade não cristã, especialmente os pobres que não têm dinheiro para estudar em escolas particulares.

Para transformar a esfera do ensino superior, as igrejas devem enfatizar o papel missionário dos educadores e professores universitários bem como treiná-los e equipá-los para ensinar a partir de uma verdadeira cosmovisão bíblica e do método de abordagem por princípios. As igrejas também devem desenvolver planos para treinar, apoiar e enviar missionários para serem sal e luz nas universidades. Pastores, professores e líderes empresariais devem trabalhar juntos para criar novas faculdades e universidades cristãs com o objetivo de se tornarem as melhores instituições

de ensino superior do país. Os pastores também devem trabalhar para garantir que as escolas bíblicas e seminários incluam uma teologia que aborde temas de todas as áreas da vida, incluindo o governo civil, entre outros, e não apenas questões relacionadas à igreja.

Para transformar a área que envolve a mídia, as artes e o jornalismo, as igrejas devem enfatizar o papel missionário dos artistas e jornalistas. Pastores e líderes empresariais devem trabalhar juntos para criar novos estúdios de cinema, redes de televisão e jornais que possam servir também à comunidade não cristã. Além disso, as igrejas precisam formar ou unir-se a organizações que treinam, equipam e apoiam bons artistas e jornalistas, especialmente aquelas que os treinam para se comunicar a partir de uma verdadeira cosmovisão bíblica.

Pegando as serpentes da nação

Deus libertou nações no passado através dos esforços de Seu povo em servir ativamente no processo político de sua nação. Jesus disse a Seus seguidores que discipulassem as nações e que ele esperava que eles também "pegassem em serpentes". Em outras palavras, como Moisés, eles teriam que enfrentar os "faraós" de suas nações. Não é na política que encontramos a maioria das cobras? Existem três estratégias fundamentais que os cristãos podem adotar para lidar com a injustiça e a tirania e que ajudam a comunidade a "pegar as

serpentes”:

- Implementar constituições para limitar o governo quanto à proteção e punição de criminosos;
- Votar em um bom governo e continuar o apoio às pessoas boas que ali trabalham;
- Se opor à tirania e à injustiça através de protesto, fuga e força defensiva.

A Grande Comissão de Jesus significa que também devemos nos tornar eficazes na batalha contra a corrupção e a injustiça na sociedade. Primeiramente, é necessário e deve ser enfatizado que o propósito do governo volte a ser básico e limitado, conforme definido na

Bíblia. Então, quando possível, esse propósito limitado deve ser consagrado em cada nação com uma constituição que o mantenha em vigor por muitas gerações.

Em segundo lugar, os cristãos devem vencer o mal no governo, modelando práticas piedosas de votação, aconselhando líderes e submetendo-se à boa lei. Suas práticas de governo devem estar no mais alto nível de excelência profissional. Quando os cristãos ocupam cargos no topo dos governos, então eles podem começar a substituir a filosofia pagã que centraliza o poder e faz do Estado a principal fonte de solução dos problemas.

Por último, deve-se reconhecer que em um mundo caído e pecaminoso, a corrupção e o abuso

de poder são uma realidade comum. Portanto, a terceira maneira pela qual pessoas piedosas devem agir para “pegar as serpentes” é falando e protestando pacificamente contra a injustiça. Quando o protesto pacífico é incapaz de trazer mudanças, a opção da emigração se torna necessária. Finalmente, a última opção é usar a força para defender a si mesmo ou a outros que estão sendo oprimidos.

Ao longo dos últimos dois mil anos, os cristãos têm aplicado essas práticas, transformando assim a história do mundo.

Bebendo as coisas mortíferas da nação

No passado, o povo de Deus multiplicou dinheiro e liderou o campo dos negócios de uma forma que transformou a cultura. Jesus disse a seus seguidores que esperava que eles capacitassem suas comunidades a “beber qualquer coisa mortal” sem serem prejudicadas. Não é na área de negócios e finanças que se encontra a maior parte da influência corruptora? Se nada for feito a respeito, não será possível transformar completamente uma nação.

A Grande Comissão de Jesus, então, significa que devemos também nos tornar eficazes na batalha contra a corrupção e pobreza na sociedade.

Existem três estratégias de ação fundamentais para ajudar os cristãos a lidar com a corrupção e

pobreza bem como ajudar a comunidade a “Beber coisas mortais sem ser prejudicada”:

- Trabalhar, realizar negócios e comércio para aumentar a riqueza;
- Economizar recursos de forma coordenada com outros por meio de bancos cristãos;
- Doações coordenadas por empresas, famílias e igrejas para cuidar dos pobres e para outros objetivos de transformação da comunidade.

Os cristãos devem vencer o mal no campo dos negócios, modelando padrões piedosos no trabalho, nos

negócios e no comércio. Diligência e excelência no local de trabalho devem estar em primeiro lugar. Suas práticas de negócios devem estar no mais alto nível de excelência profissional. Quando os cristãos forem alçados a posições de liderança em grandes corporações, serão capazes de influenciar esse campo com uma cosmovisão bíblica.

A excelência nos negócios naturalmente leva ao crescimento da propriedade e dos recursos, exigindo assim uma gestão responsável. Devemos entrar no mercado e aprender a negociar para, além de aumentar nossa própria riqueza, também ganhar respeito e, assim, poder influenciar a comunidade para o bem.

Mais do que simplesmente exercer nossos negócios com excelência, a Bíblia nos manda economizar e investir nossos recursos em conjunto,

de forma cooperativa, criando bancos e instituições financeiras para que possamos liderar de uma forma diferente do mundo. Dinheiro e operações bancárias honestos são importantes, mas também precisamos aprender como disponibilizar esses recursos comuns para outras instituições e iniciativas individuais que contribuem com a sociedade de uma forma saudável.

Por fim, a melhor prática bíblica que transcende todas as outras na comunidade é um compromisso de doação compassiva de finanças para os necessitados. Os cristãos devem conquistar os corações da cultura, envolvendo-se em atos práticos de compaixão que atendam as necessidades físicas, emocionais e financeiras. Em vez de esperar que o Estado resolva o problema da pobreza, cristãos que trabalham cooperativamente podem começar a substituir os ineficazes auxílios governamentais por verdadeira compaixão. Seres humanos que cuidam de seu próximo sem a participação do governo com seus esforços coercitivos são a chave para atender às necessidades e ajudar as pessoas a recuperar um caminho de independência e dignidade duradouras.

Para que a Igreja seja vitoriosa na luta contra a pobreza, ela deve treinar indivíduos, congregações e empresários para trabalharem em conjunto. Primeiramente as congregações devem enfatizar a responsabilidade de cada membro no tocante ao cuidado aos pobres. Em seguida, as igrejas

também podem ajudar a coordenar fundos e talentos tanto de líderes empresariais quanto daqueles que desejam servir, a fim de que, trabalhando juntos, possam criar novos fundos comunitários e gerenciá-los de forma eficaz. A história tem mostrado que os cristãos têm um enorme potencial para mudar o mundo por meio de sua forte ética de trabalho e doação compassiva.

Impondo as mãos sobre as doenças da nação

Jesus disse a seus seguidores para discipular as nações e "impor as mãos sobre os enfermos" – indivíduos e nações. A missão deles era tornarem-se eficazes na batalha pelo resgate dos feridos, machucados e oprimidos da sociedade.

Existem três estratégias fundamentais que os cristãos podem adotar para lidar com doenças e divisões e que ajudam a comunidade a "impor as mãos sobre os enfermos":

- Médicos e enfermeiras ensinando saúde e aplicando a medicina de acordo com a cosmovisão bíblica;
- Formas coordenadas de fornecer ajuda de emergência para vítimas de desastres;
- Tocando e reconciliando divisões raciais, tribais, religiosas, econômicas e etárias

Para treinar e mobilizar médicos e profissionais

de saúde na tarefa de “curar as doenças da nação”, as igrejas devem enfatizar o papel missionário daqueles que estão no campo da saúde e desenvolver planos para treinar, apoiar e enviar aqueles que desejam fazê-lo. Os cristãos também podem formar ou ingressar em organizações que treinam, equipam e apoiam profissionais de saúde, além de desenvolver novas escolas médicas com foco em ética médica cristã.

As organizações de ajuda emergencial devem ser criadas ou, caso já existam, apoiadas com melhor liderança moral. As igrejas devem enfatizar a importância dos esforços para reconciliação e desenvolver planos para treinar, apoiar e enviar aqueles que desejam fazê-lo, formando organizações ou ingressando nas que já estão fazendo a reconciliação.

Restaurando a família: duas necessidades críticas

Ao olhar para as instituições estratégicas da sociedade, há uma que é mais estrategicamente importante do que muitas pessoas imaginam e é a chave para a transformação das nações: a família.

O primeiro capítulo de Gênesis revela que a primeira instituição criada por Deus não foi a igreja ou o estado, mas a família. Uma família é definida por Deus como sendo composta por um homem e uma mulher unidos em casamento, juntamente com seus filhos, sejam eles biológicos ou adotados. O casamento ideal tem um homem e uma mulher que entram em aliança para cumprir o desejo de

Deus de que sejam frutíferos e abençoem o mundo. A família é fundamental e essencial na sociedade, especialmente quando seus propósitos são compreendidos. Ao longo da maior parte da história da igreja, os cristãos compreenderam essa verdade, o que lhes permitiu ser uma força poderosa para o bem em suas nações. Não podemos dizer que o mesmo acontece hoje.

A primeira razão para o casamento e a família, bem como a primeira responsabilidade dos casais, era ter filhos. Em Gênesis 1, Deus disse que os pais deveriam "ser frutíferos e se multiplicar", ou seja, ter filhos (e não apenas um!). Muitos governos e sociedades na história do mundo tentaram limitar o número de filhos nas famílias praticando alguma forma de controle de natalidade e, na falta disso, através de aborto e infanticídio. Esse comportamento expõe a raiz de todo pecado: o egoísmo de homens e mulheres decaídos. A sua frase está correta, mas é possível melhorá-la um pouco: "Os anos necessários para criar filhos são difíceis, exigindo o sacrifício de tempo e prazeres pessoais, mas a alegria de

se relacionar com eles e a contribuição produtiva que dão à família e à sociedade em geral fazem tudo valer a pena. A visão de curto prazo e o egoísmo nos adultos podem privá-los das bênçãos de longo prazo que são as crianças."

No mundo antigo, as famílias pagãs permaneceram estáticas na população, enquanto

os hebreus e mais tarde os cristãos foram fecundos e se multiplicaram para formar a maioria das populações nos países onde viviam. No Egito, os escravos hebreus estavam crescendo mais do que os egípcios e, consequentemente, foram ordenados a matar seus filhos recém-nascidos, mas eles desobedeceram. Mais tarde, durante o exílio na Babilônia pagã, o profeta Jeremias enviou a estratégia às famílias judias que ali residiam: “Casem e tenham filhos e filhas; escolham esposas para os filhos de vocês e deem as suas filhas em casamento, para que tenham filhos e filhas. Aumentem em número e não diminuam aí na Babilônia! Procurem a paz da cidade para onde eu os deportei e orem por ela ao Senhor; porque na sua paz vocês terão paz.” (Jr 29:6-7)

O mandamento bíblico histórico dado no jardim à humanidade

nunca foi modificado por Deus: aos casais, Ele ordenou que se “multiplicassem” (Gn 1,28). Essa foi a base da instituição familiar. Este foi o principal motivo pelo qual Adão precisava de uma esposa. Ele poderia até ter domínio sobre a criação sendo um homem solteiro, mas nunca poderia “multiplicar-se”. Ele precisava de Eva para essa parte de sua missão. É por isso que Deus disse que não era bom para o homem estivesse só.

As palavras “família” e “casamento” não são encontradas nos primeiros capítulos da Bíblia, mas quando Deus deu o mandamento de multiplicação pela primeira vez, a instituição da

família surgiu. Embora casar e ter filhos seja uma responsabilidade humana, não apenas para os cristãos, estes devem dar exemplo de família para que o mundo funcione como o Criador planejou. A igreja histórica entendeu que ter famílias numerosas era a principal forma de desfrutar de muita alegria, além de fazer avançar o reino de Deus.

A razão pela qual Deus diz que “odeia” o divórcio, conforme declarado em Malaquias 2, é que ele destrói a capacidade de uma família de plantar uma “semente piedosa” para Seu reino. O casamento tem benefícios que envolvem companheirismo, intimidade e prazer sexual, mas o objetivo principal do casamento são os filhos. Cristãos hoje que veem o casamento principalmente como forma de alcançar sua satisfação pessoal e benefícios próprios estão começando com um fundamento errado. Quando as pessoas que fazem da felicidade pessoal o propósito de seu casamento se sentem infelizes por qualquer motivo, começam a pensar em divórcio. O casamento foi planejado para um propósito muito mais elevado do que somente nossa felicidade pessoal: tornar possível um ambiente seguro e permanente para a criação da próxima geração.

É absolutamente essencial que os cristãos e a liderança da igreja voltem ao padrão bíblico do casamento de aliança. Na década de 1960, as leis começaram a mu

dar para permitir o divórcio “sem culpa”. Isso facilitou a separação de uma família, mesmo sem provar adultério ou abandono, conforme instruído na Bíblia. O efeito resultante em nossa cultura foi devastador. As estatísticas mostram um aumento dramático na separação de famílias a partir daquele ponto e o subsequente aumento da pobreza, crime, imoralidade sexual e da confusão de gênero/homossexualidade. Na verdade, o divórcio é o indicador mais significativo de pobreza e crime nas crianças afetadas por ele. Na maioria das cidades, a taxa mais alta de ligações para o 911 não acontece no sábado à noite, mas no domingo à tarde, quando cônjuges separados brigam por seus filhos ou se encontram de alguma forma.

Devemos trabalhar para abolir as leis do divórcio sem culpa, e a igreja deve ensinar que o casamento é uma aliança, como Deus o definiu, encorajando os casais a buscar a reconciliação e a mediação se estiverem enfrentando problemas. Pastores e presbíteros de igrejas devem (além do aconselhamento matrimonial) encorajar a disciplina aplicada pela igreja para casais que se separam por razões antibíblicas. Eles deveriam começar a ensinar uma visão positiva acerca do casamento e da geração de filhos, condenar o divórcio e substituir os materiais de cursos de casais centrados no indivíduo por livros que sejam verdadeiramente bíblicos.

O casamento homossexual é errado porque não pode gerar um filho, muito menos criar um filho da

maneira que deve ser (Pv 22:6). Mas, da mesma forma, os casais heterossexuais que adiam ter filhos enquanto buscam sua própria felicidade profissional e material estão pervertendo o propósito principal de Deus ao "torná-los um" (Ml 2). É claro que uma pequena porcentagem de casais é biologicamente incapaz de ter filhos. Estes deveriam ser afirmados com sensibilidade em seu ministério único. É claro que a adoção sempre foi elogiada pelas Escrituras e, no mundo de hoje, é mais necessária do que nunca.

Deus disse no Salmo 127 que os filhos são uma recompensa do Senhor e são como flechas na mão, e aquele "que enche deles a sua aljava" é abençoado. Na verdade, as flechas eram armas de guerra. Qual guerreiro entra em uma luta escolhendo deliberadamente limitar o número de armas em seu arsenal? É exatamente isso que as famílias cristãs de hoje estão fazendo, em vez da prática da igreja histórica que por milênios transformou nações com a palavra apostólica para que as mulheres "...casem, criem filhos, sejam boas donas de casa" (1Tm 5:14).

Em grande parte do mundo ocidental, especialmente na Europa e no Japão, a taxa de natalidade caiu abaixo dos níveis de reposição. Na Europa, por exemplo, a população total daqui a 50 anos será cerca de um terço menor do que é agora. Isso é um desastre por si mesmo, com consequências terríveis, incluindo uma redução da economia, da base tributária e da força de

trabalho, resultando em perspectivas sombrias para a população em envelhecimento, cuja aposentadoria e cuidados de saúde prometidos estão desaparecendo. Essas tendências, combinadas com atitudes anti-imi-

gratórias, podem levar a uma séria instabilidade e a uma grande crise e, assim como aconteceu quando houve a peste negra na Europa, pode levar gerações até que a Europa possa se recuperar. Enquanto isso, as nações do hemisfério sul (ainda que atualmente pobres), com suas altas taxas de natalidade, se tornarão as economias dominantes e mais ricas e, consequentemente, os poderes políticos dominantes nos assuntos mundiais.

Outra realidade chocante na Europa é que, hoje, as únicas famílias que lá crescem são muçulmanas. Com as taxas de crescimento atuais, daqui a 50 anos a maioria da Europa será composta por nações majoritariamente muçulmanas, pois eles mantêm sua visão de mundo e resistem à secularização. A histórica cultura “cristã” não existirá mais. O que virá em seguida certamente será a lei Sharia e a destruição do que conhecemos como a cultura da Europa.

Essas estatísticas podem parecer desesperadoras, mas na realidade representam uma grande oportunidade para que a família retorne ao seu projeto original e ao seu propósito dado por Deus, que por muito tempo foi praticado. Quando os primeiros cristãos chegaram à Europa,

eles eram apenas uma fração de um por cento da população. Por terem uma estratégia de longo prazo baseada na família, os cristãos gradualmente se tornaram influentes por causa do número de pessoas. A Europa não precisa se tornar uma cultura de maioria muçulmana. Os verdadeiros cristãos na Europa de hoje são, novamente, apenas uma pequena porcentagem da população, mas eles também podem transformar esse continente seguindo as melhores práticas de Deus para suas famílias.

Os cristãos, pelo bem do Reino de Deus na terra, devem renunciar aos casamentos centrados em si mesmos, à ideia de ter o mínimo de filhos possível, e à cultura do divórcio fácil e sem culpa. Eles devem retornar à melhor prática bíblica de multiplicação. Os cristãos no sul global ainda estão valorizando as crianças. Eles devem rejeitar o pensamento moderno (na verdade, neopagão) suicida da Europa e da América do Norte e se apegar fielmente à primeira missão da família. Deus nunca mudou Seu mandamento básico para as famílias: “Sejam fecundos, multipliquem-se e encham a terra.”

Cinco passos para transformar a sociedade

Nos próximos parágrafos, veremos os passos práticos que indivíduos e igrejas podem dar para ver mudanças em sua nação. Essa transformação

não requer grandes números ou porcentagens da população para ser bem-sucedida. Um exemplo disso é a comunidade homossexual. Embora representem pouco menos de 2% da população dos Estados Unidos, eles aplicaram uma estratégia semelhante à descrita abaixo e, em menos de 50 anos, foram capazes de influenciar o diálogo nacional, mudar a opinião do público em geral e obter o

reconhecimento jurídico de seu estilo de vida. Com estratégias específicas e um esforço concentrado para avançar o reino de Deus nas áreas discutidas neste livro, nós também podemos ver uma transformação radical em nossa nação.

Existem sete recursos estratégicos que devemos desenvolver de forma eficaz para mudar nossa sociedade:

1. Novas organizações trabalhando no desenvolvimento de novos líderes em cada uma das seis áreas da cultura: artes, negócios, medicina, família, educação e política;

2. Organizações para realizar pesquisas de oposição para expor corrupção e estratégias pagãs;

3. Grupos de reflexão para fornecer pesquisas para estratégia e argumentos vencedores em tópicos culturais populares;

4. Tecnologia social para criar rede de pessoas;

5. Operações de mídia e meios de comunicação;

6. Organizações de mobilização para votação, protesto e outras das melhores práticas recomendadas neste livro;

7. Organizações coordenadas de doação e financiamento para todos os itens acima.

Apesar de a Igreja estar crescendo em número atualmente, com muitas se tornando megacongregações, ainda assim está perdendo a batalha para a cultura. Grupos minoritários que mobilizaram seu povo de forma estratégica estão moldando a narrativa de nossa nação, mesmo sendo menores em número. A igreja deve reconhecer seu fracasso. Não podemos continuar com "tudo funcionando como de costume". Devemos nos unir e retornar a um modelo verdadeiramente bíblico de discipular nações.

Embora denominações e igrejas independentes tenham diferenças teológicas legítimas e honestas que não lhes permitam construir igrejas juntas, isso não deve nos impedir de nos unirmos pelo bem de nossas comunidades. É possível manter nossas preferências litúrgicas enquanto também nos unimos em torno da nossa cosmovisão bíblica comum para cumprir a missão da Grande Comissão e discipular nossas nações. Sem esse tipo de unidade, certamente falharemos.

O lugar onde isso deve começar é o nível local. Ao longo da história, os cristãos foram influentes nacionalmente em cada uma das sete áreas de influência, mas isso começou primeiramente no

nível local. Muitos esforços cristãos nunca decolam devido ao equívoco de que alguém deve começar as coisas nacionalmente antes de podermos fazer qualquer coisa localmente. Na realidade, os grupos locais têm o poder real de moldar a história. Somente quando a mudança está acontecendo localmente é possível conectar-se regional e nacionalmente de uma forma significativa.

Muitas organizações tendem a começar de cima para baixo em um esforço para criar uma organização que seja identificada com um único líder. Isso é um erro. Assim que o inimigo consegue demonizar e estigmatizar aquele grupo, o movimento deixa de ser eficaz.

Não! Para sermos realmente eficazes, devemos construir organizações locais e diversas. Se um grupo for alvo de estereótipos negativos pelo inimigo, então deixe-o morrer e trabalhe por meio de um novo grupo que possa ter ganhado favor na comunidade. Jesus diversificou enviando-os dois a dois, em vez de um grupo monolítico de cima para baixo. E Paulo disse que não importa quem semeia, quem rega e quem colhe (1Cr 3:7,8). Esta é a maneira de vencer – com uma mentalidade focada no avanço do reino de Deus em vez de em nossas próprias organizações pessoais.

À medida que começamos a trabalhar com um plano estratégico de longo prazo, há cinco etapas principais que podemos seguir para ver essa transformação ocorrer, começando no nível local:

1. Fornecer educação *geral* sobre a visão de transformação das nações discipuladas.

Em cada comunidade local, precisamos que uma parcela maior da comunidade cristã aprenda sobre a verdadeira Grande Comissão de Cristo para discipular nações, a fim de mobilizar os crentes para além de meramente ganhar almas para o céu e construir igrejas. Pode ser que já existam boas organizações em sua comunidade que podem ajudar nesta etapa geral de educação. Os pastores também devem ser equipados para treinar suas congregações no entendimento bíblico de discipular nações.

2. Identificar e fornecer treinamento *avançado* para líderes acerca dos cinco sinais discutidos neste livro e das sete instituições culturais relacionadas.

Em cada comunidade local, precisamos fornecer educação geral sobre o discipulado de nações, mas também é importante dar treinamento avançado para líderes acerca das sete esferas da sociedade. Não basta simplesmente estar motivado, mas depois sair com uma mente não renovada. Precisamos ter ensino aprofundado disponível em nível local (de preferência em cada igreja local em algum grau) sobre as melhores práticas bíblicas e princípios de cosmovisão para cada uma das sete esferas de influência. Novamente, já existem boas organizações que podem ajudar com esta etapa de treinamento avançado. A maioria dos

pastores podem não se sentir adequada para fazê-lo, mas pode se conectar em rede com outros ministérios de ensino para ajudar a complementar o discipulado básico de sua igreja.

3. Conectar líderes treinados nestes campos profissionais a equipes em rede.

Muitas igrejas já estão completando os dois primeiros passos ou podem facilmente encaixá-los em seus programas de discipulado. Este terceiro passo, porém, envolve sair da zona de conforto e estabelecer conexões com outros cristãos que estão trabalhando nas sete áreas de influência cultural. Isso pode ser desafiador e parecer bastante radical para algumas igrejas e indivíduos, mas é a chave para

trazer transformação. Em cada uma das sete áreas de influência, há muitos cristãos que estão trabalhando em suas profissões escolhidas, mas são amplamente limitados em seu impacto porque estão agindo de forma independente uns dos outros. Em cada comunidade local, podemos identificar aqueles cristãos que já estão trabalhando em cada área e começar a conectá-los a redes e equipes que podem trabalhar juntas para começar a influenciar sua área da sociedade. Já existem algumas redes profissionais e grupos de comunhão cristã para empresários, professores, profissionais de saúde, etc. Nenhum grupo tem que ceder a outro ou se

dissolver. Cada um é importante. No entanto, é fundamental que, juntos, formemos uma rede e estejamos dispostos a abraçar a ideia de planejamento estratégico e ação. Nenhuma organização precisa perder seu propósito e identidade nesse processo. Em vez disso, o trabalho em rede ajuda todas as organizações a serem mais conhecidas e eficazes, não menos.

4. Executar planos de ação estratégica de longo prazo para cada uma dessas áreas profissionais.

Outro passo importante, mas frequentemente negligenciado, é a criação de planos estratégicos de longo prazo para cada uma das sete equipes ou redes culturais mencionadas acima. Cada uma dessas equipes deve integrar seus planos a um plano maior que abrange toda a cidade (e posteriormente a um plano nacional). Mesmo nos raros casos de esforços de transformação cristã abrangendo uma cidade hoje em dia, eles quase sempre se concentram em eventos de oração, comunhão e planos defensivos de curto prazo em vez de planos ofensivos de longo prazo. A verdadeira transformação nas nações, ao longo dos últimos dois mil anos, só ocorreu quando a igreja local se uniu intencionalmente para posicionar líderes cristãos em cargos-chave nas instituições influentes da sociedade.

Muitas vezes, os cristãos foram eleitos para altos cargos ou elevados a posições de liderança na mídia ou na medicina, por exemplo, mas foram amplamente ineficazes devido à falta de um

plano estratégico e de uma rede para ajudá-los a executá-lo. Assim, o raro líder cristão em uma posição elevada acaba desanimado ou comprometido de alguma forma pela pressão constante da oposição e da tentação.

O sucesso depende absolutamente de uma estratégia de longo prazo para levantar todo um movimento de líderes biblicamente treinados em cada uma das sete áreas culturais, que serão indicados e apoiados por redes cristãs para subir a posições-chave. Esse processo leva tempo para que os indivíduos ganhem experiência, bem como credenciais de instituições que o mundo respeita, não apenas da igreja, e provem ser dignos de ocupar posições mais elevadas. Porém, num período de apenas 20 a 30 anos, um jovem líder pode se tornar um alto funcionário do governo, banqueiro, produtor de Hollywood, administrador de hospital, professor, produtor de televisão, âncora de notícias ou mesmo

CEO ou proprietário de uma empresa listada na Fortune 500. Quando os líderes cristãos com uma cosmovisão bíblica e uma visão para aplicar as melhores práticas bíblicas à sua esfera de influência sobem a tais posições de autoridade, uma transformação real pode começar a acontecer.

Para que isso seja possível, as redes cristãs estratégicas em toda a cidade devem desenvolver planos para estar no topo dessas

instituições em 50 anos e, então, criar referências, metas e planos de trabalho reais para que isso aconteça. Assim, em vez de concentrar nossos esforços unificados apenas reagindo às iniciativas pagãs, começaremos a moldar a trajetória de nossas comunidades de maneiras que tenham um significado real e duradouro.

É claro que isso significa estar disposto a trabalhar duro por mudanças que talvez não iremos ver ou desfrutar em nossa vida, mas com a esperança de que nossos filhos ou netos desfrutem desses frutos. Como os Peregrinos, devemos reconhecer que somos apenas "pedras de passagem" para outros em uma obra tão grande. Para os pastores, isso pode significar permitir que seus melhores membros dediquem seu tempo e esforços às instituições da comunidade, em vez de apenas às atividades da igreja. Pode significar aceitar a realidade de que eles devem enviar seus melhores membros a lugares como Wall Street ou Hollywood ou Harvard ou Washington para ganhar credibilidade e ser levantados para mudar as bases de poder da cultura e afirmar os jovens líderes nesta visão e vocação.

5. Desenvolver *financiamento* para *instituições* permanentes *nessas áreas profissionais*

Raramente há grande transformação sem um plano simultâneo de financiamento sustentável do plano estratégico. Um bom plano de

transformação local e nacional não dependerá apenas de doações, mas desenvolverá um modelo de negócios para torná-lo autossustentável financeiramente. Por isso, é essencial que as redes locais incorporem todos os sete planos de equipe cultural para que os líderes de todos os setores da comunidade possam ver onde estão as necessidades e como os empreendedores e empresários podem usar suas habilidades para ajudar a atendê-las. É surpreendente o quanto de dinheiro é disponibilizado pelos próprios empresários cristãos que não estão mais tão entusiasmados com apenas mais uma instalação da igreja que fica vazia na maior parte da semana. Esses mesmos líderes empresariais ficam animados com a perspectiva de que podem ajudar a criar instituições reais que mudam o mundo, tais como: novos hospitais, estúdios de cinema, universidades ou partidos políticos.

Reflexões finais:

Certamente, à medida que as redes locais se desenvolverem e crescerem, surgirão oportunidades para trabalhar em coordenação com outras cidades da região, do estado, e até mesmo do âmbito nacional. Isso leva a um

constante enriquecimento e desenvolvimento da estratégia estadual e nacional que pode ter verdadeiramente um impacto histórico.

Os líderes cristãos devem articular essa visão para os grupos de planejamento estratégico local em cada comunidade e definir metas de longo prazo. Devem compartilhá-la com a próxima geração e incorporar os jovens líderes no comitê diretivo para que a visão não morra com os organizadores originais do plano estratégico. Para funcionar, a visão deve ser multigeracional e de longo prazo.

Visionários de todo o mundo estão surgindo nos últimos anos com este sonho. A maioria ainda está por ouvir falar deles. A mídia é dominada por histórias que parecem indicar que o mundo está piorando, mas uma nova e poderosa corrente já está fluindo. Mencionamos alguns deles neste livro: um novo partido cristão que governa a Letônia, milhões de novas crianças educadas em casa nos EUA, novos líderes médicos na Polônia, novos líderes de reconciliação na África do Sul, novos líderes da mídia em El Salvador, novas universidades na Coreia do Sul, novos governadores cristãos na Indonésia.

Muitos outros esforços incalculáveis também estão surgindo. O fruto de seu trabalho certamente virá, mas talvez na próxima geração. Não seja impaciente e restrito em sua visão. E não importa qual seja a sua escatologia, mesmo que se pense que Jesus vai voltar muito em breve, Ele nunca mudou Sua comissão para nós. Trabalhe até que Ele volte (Lc 19:13)! Vá e discipule as nações!

Apêndice

Uma autoavaliação para líderes

Dois milênios de história da igreja mostram que apenas o avivamento e crescimento da igreja nunca conseguem transformar completamente uma nação. Somente quando os líderes da igreja se concentram estrategicamente em formar líderes para a sociedade é que as nações mudam. As sete áreas ou esferas principais de influência cultural são os campos de batalha onde a guerra por nossa cultura será vencida ou perdida. Uma nação verdadeiramente discipulada é aquela onde os princípios bíblicos são ensinados em todas as sete áreas e onde redes de apoio e coordenação estratégica são estabelecidas para este propósito.

Em Marcos 16, passagem paralela à Grande Comissão em que Jesus acrescentou “sinais” que nos seguiriam, Ele forneceu uma maneira de aferir o progresso

da igreja quanto ao discipulado das nações. Embora a igreja em si seja uma das sete esferas de influência-chave de uma nação, sua missão é especialmente discipular e equipar líderes para as outras seis áreas. Portanto, a liderança da igreja precisa criar um plano intencional para alcançar esse objetivo. Uma lista de verificação está

disponível na próxima página para ajudar líderes de igreja a avaliar seu progresso em relação a esse tema e desenvolver um plano. A lista é uma sugestão de "práticas do reino" fundamentadas na Bíblia que são eficazes na transformação da cultura. Essa lista na próxima página não é de forma alguma exaustiva, mas esperamos que seja usada para estimular seu pensamento e servir como plataforma de lançamento para seus próprios planos estratégicos.

Os cinco "sinais" da Grande Comissão são evidentes em sua área?

Sua igreja ou comunidade cristã maior está oferecendo intencionalmente oportunidades de ensino, mentoria e ação contínuas nas seguintes áreas? Assinale cada item já existente em sua comunidade e marque se você ou sua congregação está conectando ativamente seus membros a eles. Se não estiver, defina uma data para investigar a respeito. Veja as próximas páginas.

Expulsando os demônios da nação

	Minha igreja?	Comunidade?
Oração unificada direcionada para a comunidade	____	____
Evangelismo apostólico voltado para fora	____	____
Pastor que equipa para liderança comunitária	____	____

Liste uma ideia ou projeto em potencial de curto prazo:

_____

_____

_____

Falando as novas línguas da nação

Educação em casa (*homeschooling*) e escolas cristãs ____ ____

Cosmovisão avançada na Educação/Universidades ____ ____

Artes, mídia e entretenimento ____ ____

Liste uma ideia ou projeto em potencial de curto prazo:

_____

_____

_____

Pegando as serpentes da nação

Limitar o governo por meio de constituições ____ ____

Votando, fazendo campanha, aconselhando ____ ____

Protesto, fuga, autodefesa ____ ____

Liste uma ideia ou projeto em potencial de curto prazo:

_____

_____

_____

Bebendo as coisas mortíferas da nação

Trabalho, negócios e comércio para aumentar a riqueza ____ ____

Poupança e banco cristão coordenado ____ ____

Doação coordenada e cuidados aos pobres ____ ____

Liste uma ideia ou projeto em potencial de curto prazo:

_____

_____

_____

Impondo as mãos sobre os doentes da nação

Ensino e cuidados de saúde por médicos e enfermeiras ____ ____

Ajuda de Emergência após desastres / Desenvolvimento ____ ____

Reconciliação e cura de divisões ____ ____

Liste uma ideia ou projeto em potencial de curto prazo:

_____

_____

_____

Rede de Transformação Global

Nos 2 mil anos de história da igreja, muitos exemplos mostram onde os cristãos tiveram um grande impacto na transformação de suas nações. Infelizmente, grande parte disso deixou de acontecer nos tempos modernos devido à redução de sua missão em simplesmente ganhar almas e aumentar igrejas. Muitos estão cientes de que a igreja moderna está perdendo sua influência cultural e que é necessário retornar ao modelo verdadeiramente bíblico que a igreja histórica

aplicou no discipulado das nações nas sete áreas: política, negócios, educação, medicina, mídia, igreja e família. Essa visão é de longo prazo, estratégica e comprovadamente bem-sucedida.

5 etapas que nossa Rede de Transformação realiza em cada nação:

1. Fornecer educação geral na visão transformadora dos 5 sinais
2. Identificar e fornecer treinamento avançado para líderes acerca da visão dos 5 sinais
3. Conectar líderes treinados na visão dos 5 sinais a equipes em rede
4. Executar planos de ação estratégicos de longo prazo relacionados à visão dos 5 sinais
5. Desenvolver financiamento para instituições permanentemente engajadas com a visão dos 5 sinais

Na próxima década, nossa visão é ter uma rede estratégica trabalhando em cada grande cidade e nação do mundo.

Essas redes terão cúpulas anuais de transformação regional e nacional que reunirá líderes de cada rede local para incentivo e

compartilhamento de experiências. Uma equipe nacional fornecerá treinamento e assistência contínuos aos líderes em diferentes cidades e desenvolverá e fornecerá um kit de ferramentas de transformação contendo livros, DVDs, podcasts e cursos online. Esses líderes nacionais também serão capazes

de se conectar com outras pessoas de diferentes nações em sua região do mundo que estão fazendo coisas semelhantes e enfrentando problemas semelhantes.

Entre em contato com a equipe global para saber como ingressar ou iniciar uma rede em sua área.

Se você tem interesse ou experiência em uma ou mais das sete áreas, entre em contato conosco e nos informe. Se você tem dons de liderança, estamos procurando pessoas para ajudar a criar e facilitar equipes locais de transformação. Acesse nossa página na internet *www.NationalTransformation.com* (Espanhol: *www.TransformacionGlobal.com*) ou procure a Rede de Transformação Global no Facebook. Você também pode enviar um e-mail para NationalTransformation@gmail.com

Biografia de Mark Beliles

O Dr. Mark A. Beliles é Presidente da *Global Transformation Network* – Rede de Transformação Global (*www.NationalTransformation.com*) e sua filial nos EUA, chamada America Transformation Company (*www.AmericaTransformationCompany.com*), que identifica, treina e conecta líderes em esferas-chave da cultura, como governo, negócios, escolas, igrejas e mídia. Como palestrante renomado e coach em liderança cultural, Beliles já viajou por mais de 50 países falando sobre o tema "fé e liberdade" aos parlamentos e líderes de alto escalão de nações. Membros do parlamento sul-africano conferiram a Beliles reconhecimento oficial por sua contribuição na transição bem-sucedida do apartheid. Beliles também atua como facilitador norte-americano no movimento global *Transform World 2020* e é um dos líderes da Igreja Reconciliada, da Janela 4-14 e de outros movimentos.

Ele fundou um ministério educacional chamado Providence Foundation em 1983 e sua Universidade de Cosmovisão Bíblica. Ele é coautor de outros livros para o público popular, como *História Providencial da*

América; Lutando pela Constituição: Relembrando a Influência Cristã na Redação da Constituição e a Base Bíblica da Lei e Liberdade Americanas; Libertando as Nações, além de vários outros títulos exclusivos o público internacional.

Beliles, um ministro ordenado desde 1977, serviu como pastor de várias igrejas não denominacionais por mais de 35 anos e foi o fundador da *Grace Covenant Church* (Igreja Aliança da Graça) em Charlottesville, Virginia. Ele forneceu supervisão apostólica a dezenas de igrejas nos EUA e no exterior e hoje atua no Conselho Apostólico da Comunhão Internacional de Igrejas Evangélicas (presidido pelo Bispo Harry Jackson). Beliles obteve seu Ph.D. pelo Seminário Teológico Whitefield.

Com o patrocínio da Fundação Virginia para as Ciências Humanas, ele organizou vários simpósios acadêmicos realizados na Universidade de Virginia sobre o tema Jefferson e religião, cada um apresentando dezenas de estudiosos de Jefferson nacionalmente conhecidos e historiadores da igreja e do estado. Ele serviu por muitos anos como Presidente do Comitê de Recursos Históricos de Charlottesville e como Copresidente do 250º aniversário da cidade celebrado em 2012. Os livros acadêmicos mais recentes de Beliles sobre Thomas Jefferson são: *"Duvidando de Thomas? A vida religiosa e o legado de Thomas Jefferson"* e *"As Cartas e Artigos Religiosos Selecionados de Thomas Jefferson", ambos disponíveis em www.AmericaPublications.com.*

Ele e sua esposa Nancy educaram seus três filhos em casa e agora são abençoados com sete netos.

RICA
EDITORA



CONHEÇA NOSSOS TÍTULOS!

loja.editorarica.com.br

Global Transformation Network

MARK BELILES



"A Rede de Transformação Global tem ajudado equipes de liderança a desenvolver planos estratégicos abrangentes que têm produzido resultados notáveis em governos, empresas e escolas. Eu a recomendo fortemente como um dos melhores recursos para pastores e líderes apostólicos que têm uma visão para a reforma das 7 montanhas da cultura." - Dr. C. Peter Wagner (in memoriam), Institu - to de Liderança Wagner.

"Uma maneira abrangente e historicamente comprovada de transformar a cultu - ra para Cristo. Como pastor presbiteriano na América, recomendo fortemente esse ministério." - Jerry Newcombe, D. Min., autor/coautor de 31 livros, colunista da D. James Kennedy Ministries.

"Dr. Mark Beliles traz muitos anos de experiência, eficácia, integridade e clareza ao desafio da mudança cultural criativa baseada nos preceitos fundamentais de que a cultura importa e as ideias têm consequências." - Luis Busch, Conexões Transforme Mundo

"Promovemos e compartilhamos fortemente os livros que transformam vidas e os ensinamentos de Mark Beliles em nossas conferências." - Joyce e Dave Meyer, Joyce Meyer Ministries.

"O Dr. Mark Belliles é um profissional da transformação com um incrível histórico de impacto em líderes de alto-escalão e nações! Seu trabalho acadêmico-teológico e histórico, combinado com sua vasta experiência no campo, permite-lhe escrever sobre esse assunto como poucos conseguem. Eu forte mente recomendo não apenas esse, mas todos os seus livros!"- Joseph Mattera, Coalizão de Líderes Apostólicos dos EUA.

"Ouvi Mark Beliles falar e considero sua mensagem vital para a igreja que deseja levar a sério sua comissão de discipular as nações." - Darrow Miller, cofundador da Disciple Nations Alliance; autor de "Discipling the Nations".

"Poucos ministérios realmente ajudam os líderes em todas as esferas da cultura em planos estratégicos para discipular as nações. Recomendo fortemente a Rede de Transformação Global para um momento como este." - Dennis Peacocke, Proje - to Statesmen.

REDE DE TRANSFORMAÇÃO GLOBAL
TREINAMENTOS E ESTRATÉGIAS PARA TRANSFORMAR NAÇÕES

- Consultoria Empresarial
- Consultoria Política
- Seminários e Conferências
- Planejamento Governamental
- Desenvolvimento de Programas Educacionais
- Pesquisas de Opinião e Campanhas

CONTATE-NOS
+1 434 228 925
latinoamerica.gtn@gmail.com
nationaltransformation.com

ISBN: 978-65-85381-55-0
9 786585 381550
RICA EDITORA